

**A SAGA DO JORNALISMO  
LIVRE  
ESCRITOS DESORGANIZADOS**



**Por Fabio da Silva Barbosa**

# O QUE É ISSO?

"Não há nada tão estúpido como a inteligência orgulhosa de si mesma".

Bakunin

*Comecei a organizar algum material antigo que tinha espalhado por aí. Algo que promovesse minha idéia fixa de que existem outras formas de se fazer jornalismo que a ensinada pela academia. Esse livro deveria ser com meu material praticamente bruto (praticamente sem nenhuma forma de correção e correntes do tipo). Livre de tudo e de todos. Obviamente se tornou inviável arrumar uma editora que quisesse lançar esse material, que para eles é mau acabado e até feito de qualquer jeito. Olha só o que temos de ouvir por esse mundo limitado e míope, que se curva a lógica burguesa imposta pelos donos do capital e pelos senhores do saber. A solução que achei foi converter para PDF e soltar na internet. Esse pequeno Weblivro (acho que posso chamar assim) pode ser passado, exposto e divulgado a vontade. O que importa é passar a idéia a frente. Chega do domínio gramatical e teórico. Ação direta já. E vamos soltar o bicho.*

*O autor*

Quando comecei a fazer faculdade de jornalismo, uma coisa que muito me desagradava, era o fato de ficarmos presos a formatos pré estabelecidos, como em uma camisa de forças. A fôrma em que os alunos são moldados, não abre espaço para a criatividade e a subversão da “Verdade Única”. Tem de ser aquilo. Isso é no mínimo uma ditadura e como em toda ditadura, não existe espaço para novidades que se choquem com o determinado. Se não for aquilo, é o errado. Pesquisei e vi que isso se repetia em todo o canto. Não era privilégio meu estar diante da sórdida “Inquisição do Saber”. Esse regime tem todo o aparato gramatical, acadêmico... Enfim... Coisas do “Clube do Bolinha”. Chamo de “Clube do Bolinha” aquele grupo que fica só conversando entre si e que se julga “O Clubeco dos Intectualóides”. Mais uma igreja. A igreja dos que não criam suas próprias regras. Toda igreja é assim. Um código de conduta seguido por milhares que se julgam “Os que Sabem” por seguir esse código, também conhecido como “O Certo”.

Logo comecei a criar minha própria forma de jornalismo, que já dei vários nomes de acordo com seu momento de evolução. Atualmente chamo de “Minha Maneira de Fazer Jornalismo”, ou, simplesmente, “Meu Estilo”. Obviamente, ela tende a ficar cada vez mais parecida comigo. Caótica e imprevisível. Isso, para mim, é a perfeição. A partir desse momento, quando decidi que só aquilo exposto na sala de aula não me satisfazia, conheci outras cabeças que tinham um olhar diferente do que se pregava nos livros escritos pelos que sabiam “A Verdade”. Pessoas que enxergavam mais que uma simples pirâmide invertida na hora de fazer a matéria, ou artigo... Enfim... O que for. Almas inquietas que ficavam horas fazendo projetos mirabolantes no bar de Seu Zé. Entre torresmos e cervejas muita idéia boa saiu de lá. Além dos alunos, haviam professores que se tornaram verdadeiros mestres para mim. Pessoas que conseguiam ir além do que diziam textos antigos e abriram minha mente para novas possibilidades.

Foi então, que no início do ano de 2010, tentei arrumar as idéias para mostrar que além da Escola Européia e Americana, existem outras. Entre elas, a minha. “A

Escola do Caos Imprevisível”. Pronto... Lá vem outro nome... Mas, o fato é que comecei a escrever textos complicadíssimos para mostrar minhas teorias. Queria mostrar que seria possível outras formas de expor certo conteúdo que fosse tão boa quanto a abençoada pelos “São Acadêmicos”. Depois de muito tentar, observei que todos os modos se igualavam aquele método maçante e engordurado utilizado pelos sábios que me incomodavam tanto.

Nesse meio tempo fui tocando outros projetos e minha vidinha. A vida normal de qualquer um que não se vende para viver confortavelmente. Ou seja: Dureza total. Um dia comecei a dar uma olhada em alguns trabalhos antigos que há muito não lia e que estão espalhados pelo universo marginal, ou underground, ou como preferirem chamar. Era isso. Não vou explicar nada. Vou mostrar. Cada um que ache o que quiser. Não vou provar nada. Não quero estar certo. Quero apenas abrir portas e caminhos para que todos vejam que existem outros caminhos. Não precisamos trabalhar em uma grande emissora, ou decorar manuais para sermos bem sucedidos (Nem vou me aprofundar nesse papo, porque isso me levaria até outra questão: O que é ser bem sucedido?). Cada um pode encontrar sua própria estrada para percorrer um caminho.

Essa é a minha:

### **Índice:**

Vai vendo aí que você encontra o que está procurando.

# **ENTREVISTANDO OS CARAS**

Começarei expondo algumas entrevistas que fiz com figuras que buscaram sua forma de expressão e conseguiram solidificar seu estilo. Achei importante dar o pontapé inicial com esse bate papo com o então Presidente da Associação de Moradores da Iara. Um cara que não seguia o caminho convencional para ajudar sua comunidade, mas que deixou sua marca. Nessa época eu integrava o projeto Comunidade Editoria, com meu grande parceiro Luiz Henrique. Depois virão outras muito boas também que se seguiram pelo caminho e de igual importância por sua independência e peculiaridades.

“A intelectualidade faz parte da estupidez. A inteligência é um fenômeno totalmente diferente”

Osho

### **Presidente da Associação de Moradores da Travessa Iara bota a boca no trombone.**

A Comunidade Iara, em Santa Rosa, Niterói, RJ, possui muitas particularidades, a começar pelo seu nome. Embora muitas pessoas conheçam o lugar por essa denominação, que veio de sua antiga nomenclatura (Travessa Iara), a localidade foi rebatizada a cerca de dez anos com o nome Quintino José Ferreira, como se chamava um prisco morador. Edson José Ferreira, 52, Presidente da Associação de moradores local, afirma que muitos nem sabem sobre a mudança e que todos ainda conhecem o lugar por Iara. Outra particularidade apontada por Edson é a localização da comunidade, que mesmo os correios considerando ser parte do bairro Santa Rosa, muitos acreditam que o lugar faça parte do Cubango. "Mas aqui é Santa Rosa. O livro de CEP do correio é quem diz a verdade. É o registro." Informa o Presidente. Não existem projetos sociais no local. O Presidente tem alguns projetos, mas ainda não houve incentivo de nenhuma entidade ou órgão do governo para por em prática. Embora tenha água na comunidade, à rede é muito antiga e deveria ser reavaliada, assim como a pavimentação, que já apresenta desgaste em vários pontos por ter sido feita há muitos anos. Uma questão levantada relativa à água é: "Algumas pessoas alegam que certos moradores de comunidade não pagam água, mas isso é responsabilidade dos órgãos competentes. Eles têm de resolver. O problema que estou apresentando é um, eles ao invés de resolver me apresentam outro." Reclama Edson. A rede de esgoto também precisa ser revista. Entupimentos acontecem com frequência. A comunidade conta com cerca de aproximadamente 340 casas e mais de mil moradores. Uma das obras pedidas é no parapeito de uma das vias de acesso a comunidade, que está em estado precário e deveria manter a segurança contra possíveis acidentes. Galões de lixo foram solicitados, mas segundo nos informou o Presidente, a CLIM alegou estarem em falta.

#### **Solta o verbo Presidente**

O presidente é outra particularidade. Dono de uma opinião forte, segundo ele próprio, tido por muitos como um tanto radical, Edinho, como é conhecido pela redondeza, nos recebeu em sua casa.

#### **Você disse que sua administração termina no início de 2009. Você acredita que conseguiu atingir seus objetivos?**

Não. Quando entrei na associação, queria trabalhar de uma forma tida por muitos como arcaica, mas acredito ser a forma mais correta de trabalhar. Essa forma é: Ir à prefeitura e apresentar as deficiências da comunidade. Esses pedidos deveriam então ser atendidos com o prazo devido. Dependendo da situação apresentada. Só que o que acontece não é isso. Se você chegar lá e não tiver um cara que indicou, ou uma força política, nada acontece. Só que isso é obrigação do poder público. Garantir o bem estar da população. Suprir essas necessidades, independente de estar colado com Cicrano ou Beltrano. É de desanimar. Mas eu não desanimo. Bato em uma porta, bato em outra, fazendo sempre meus ofícios.

### **Os políticos, então, não têm cumprido com seu papel na sociedade?**

Em político não acredito mais. Você só vê político se vangloriando de estar fazendo isso ou aquilo em lugar que tem voto. E ele não está fazendo mais que sua obrigação, já que o dinheiro dessas obras vem do próprio contribuinte. Agora, isso é obrigação da Prefeitura. Não é o Vereador que tem de estar fazendo isso. A função do Vereador é legislar e fiscalizar. Mas, estar de frente nessas obras traz votos. Os valores nesse país estão se invertendo. Eu fico até com medo por observar que isso é um comportamento a nível internacional. Os corruptos estão sempre numa boa. Aí se descobre um furo e faz um alarde, mas depois acaba e fica tudo nisso mesmo. O cara continua numa boa. Só se vê obra eleitoreira. Se der menos de três mil votos não se faz obra. Deixam a comunidade abandonada. A verdade é essa, cara. Isso pode ser observado até nos sindicatos. Isso dificulta trabalhar em uma associação e conseguir melhorias para a comunidade. Sou aposentado do Ministério da Saúde. A maioria dos caras que entram em uma associação, daqui a pouco vem como vereador e tal... Não quero nada disso. Não preciso. Graças a Deus.

### **E por que isso está acontecendo?**

Eu sou até um pouco radical. Antigamente chegavam cadernos para o colégio público, hoje essas escolas estão abandonadas. Só o que existe agora é interesse político. O que está dando para entender é que ninguém pensa em melhorar mais nada. O principal para um povo é educação. Esse é o alicerce. É a mola mestra. Tudo que está acontecendo hoje é por falta de educação e oportunidade de trabalho. Tem de dar ocupação para crianças e jovens. Na minha época, entrava 7:00 h da manhã e saía 17:30 do Colégio Henrique Laje. Isso quando não tinha ensaio da banda. Aí, quem era da banda, saía as 19:00h. Esse é o único jeito. Instruir esse povo. Se não essa criançada que está aí agora, serão os novos marginais de amanhã. Serão todos recrutados pelo tráfico. Infelizmente. Não vai ter outro jeito. Já escutei muitos relatos tristes de pessoas que tinham uma profissão, mas não conseguiam um salário digno no mercado de trabalho. Antigamente, no hospital onde trabalhei, tinha de tudo. Se a pessoa precisasse de caneta, tinha. Hoje, não leva sua caneta para ver se tem como escrever. Antigamente tinha Bucomaxilo, Nefrologista... Hoje está difícil encontrar certas especialidades na saúde pública. Tá tudo acabando. Eu to até com medo dessa situação.

### **Medo?**

Não é brincadeira não... Se a coisa continuar desse jeito, amigo... Vai dar problema. Fazem isso com o povo achando que não sobra para eles. Só que isso é uma bola de neve. E quando essa bola atingir seu volume máximo, vai sobrar para todo mundo. Vai respingar para todo lado. Se continuar desse jeito, creio que chegaremos a uma revolução urbana. Vai ser um caos. Um salve quem puder. A coisa está ficando estranha. Nós temos condições de ser o primeiro lugar do mundo, mas o roubo é muito grande. A floresta amazônica é riquíssima e não existe um controle eficaz. Se qualquer outro país tivesse a metade da corrupção que tem aqui, já tinha quebrado. Você não vê ninguém vindo de bom grado para fazer o certo simplesmente por ser certo. Ninguém quer fazer um bom trabalho para ajudar os menos favorecidos. Eles querem arrumar algum. Eles querem o status de políticos. Querem os lucros. Essa é a triste verdade. Acho que isso deve ter a ver com aquela lei do Gerson.

### **E por que o povo não reivindica seus direitos?**

O povo, coitado, é quem paga. Paga por estar mal instruído. Não conhece seus direitos. Vou continuar batendo nessa tecla. E-DU-CA-ÇÃO. Um exemplo disso é o voto nulo. Quase ninguém sabe o que é o voto nulo. O que acontece. O que se vê é o povo cada vez mais insatisfeito e votando no cara. Às vezes faço uma enquête na minha loja e de 50 pessoas que entram lá, uma sabe o que é o voto nulo. Como se anula, o que acontece se tiver mais de cinquenta por cento de votos nulos. Essa é a única arma que o povo tem. O povo acha que votar é obrigação. Isso não é obrigação. É direito. De direito para obrigação existe uma distância enorme. Eles levam para outro lado. O povo não tem de ir votar porque é obrigado, mas por estar convicto da escolha de seu representante, ou então para botar todos eles na rua.

### **Isso seria uma grande mudança no modo do povo se relacionar com a política.**

O povo não conhece a lei eleitoral. Só quer cesta básica e declaração. Recebi um e-mail, onde um ex-combatente de guerra ensinava ao seu professor como se prende porco do mato. Ele disse que era muito fácil. Era só jogar um punhado de milho no quintal e esperar o porco vir comer. Depois de ele aparecer para comer o milho durante um tempo, se coloca uma cerca de um lado. Passado algum tempo, o porco já vai ter se acostumado a ela. Aí você fecha em L. Passado mais um tempo, você fecha em U. Um belo dia você fecha a cerca deixando apenas o portão para ele entrar e sair. Quando ele menos esperar você fecha o portão. O bolsa família é o milho. O povo não precisa de esmola. Ele tem de ter condições dignas de ir ao mercado e fazer suas compras. Essa história de cesta básica é antiga. O povo tem direito a saúde e educação, mas ninguém dá isso a ele. Eles querem que o povo viva como o porco da história. Se acostumando ao milho atirado no quintal, para quando menos esperar estar cercado.

### **E por que o governo não investe em educação?**

Porque não é interessante para ele. Eu só posso acreditar nisso. O povo está muito mal informado. Dá pena de um povo que está sendo privado da verdadeira informação. Eles falam coisas que não tem nada a ver com a realidade. Muitas vezes, a culpa de certas coisas cai sobre pessoas que não tem como resolver certos problemas. No meu caso, por exemplo, canso de escutar pessoas me recriminando como se tudo fosse culpa do Presidente da Associação. Eu faço o ofício, peço a obra, acompanho e aí, quando chega ao setor competente, eles alegam que não tem dinheiro... Que não vão fazer... Se não tiver voto, um acordo com uma pessoa que abraça a área vai ficar chupando dedo na pista. É muito difícil trabalhar assim. São pessoas que não querem ver nosso verdadeiro crescimento. Querem sempre que estejamos dependendo de ajuda.

## **CHUMBINHO E AS COISAS SIMPLES DA VIDA**

Paulo Roberto de Lima, conhecido como Chumbinho, nasceu no Rio de Janeiro, mas foi ainda jovem para Niterói, cidade que adotou como morada e o recebeu de braços abertos. "Daqui não saio mais", anuncia satisfeito. Mesmo tendo tocado com grandes nomes da MPB e participando de diversos trabalhos da atualidade, ele consegue desfrutar dos prazeres do anonimato. Durante um de seus passeios pela cidade, depois de tomar um café com pão na chapa, em uma padaria de Santa Rosa, sentamos na pracinha do Largo do Marrão, onde batemos um papo bem humorado e descontraído

sobre sua trajetória como baixista de grandes nomes da música e a realidade atual dos músicos no Brasil.

### **De onde veio o nome Chumbinho?**

É importante lembrar que não sou aquele chumbinho que mata e seca. Esse nome veio do desenho Bacamarte e Chumbinho. Tinha um amigo que estava sempre junto, mas a gente sempre brigava. Ele ficou sendo o Bacamarte e eu o Chumbinho. Atualmente não tenho mais contato com ele, devido a minha mudança para Niterói.

### **Com foi essa mudança?**

Aí foi por causa de mulher. Casei-me depois com Mara Duboc, que é uma grande tecladista. Já tocou com o grupo Sempre Livre, Barrozinho, entre outros. Enfim... Moramos juntos, ela veio para cá e eu vim também. Já estou aqui há quatorze anos. Daqui não saio mais.

### **Como a música entrou na sua vida?**

Acho que já nasci músico. Desde criança gostava de cantar. Ficava fingindo que estava tocando e tal...

### **Mas, como você partiu para a música profissional?**

Tinha 17 anos e casei. Quer dizer, minha família me casou. Nesta época, muitas coisas aconteceram. A música, como profissão, aconteceu nesse período de acontecimentos da minha vida. Comecei tocando com Rosana. Daquela música, "Como uma Deusa..." Lembra? Então. Na época era Rosana e Os Casas Novas. Depois veio o Gemili 7... Várias bandas. A coisa foi ficando cada vez mais séria. Aí vieram as bandas de bailes. Veio o Brasil Show, Devaneios, o Sunshine... Fui tendo experiências em várias bandas. Toquei no Aérson Perligeiro Show, Na TV Tupi. Uma época legal. Toquei também com Beбето. Gravei o primeiro Fantástico com o Beбето. Depois de passar por vários nomes da MPB, cheguei a Tim Maia. Acompanhei Tim por 17 anos.

### **E essa história de acompanhar Tim Maia por 17 anos?**

Antes de tudo isso, morei em Ramos, na travessa Orácio, no Rio. Ali também morava a irmã mais velha do Tim Maia. Ela mora lá até hoje. Dona Maria. E os filhos dela tocavam violão. Eu ficava com eles e a gente arranhava um som. Nessa época conheci o Tim Maia. Depois ele foi para os Estados Unidos. Quando voltou, não lembro muito bem como, fui parar em um ensaio da Banda Vitória Régia. Chegando lá, ele lembrou de mim e disse que sua irmã sempre comentava a meu respeito. Aquelas coisas da vida. "Você não era aquele garoto que tocava com meu sobrinho?" Nisso se foram os 17 anos.

### **Como foi esse tempo na Vitória Régia?**

Foi muito bom. Gravei com ele... Fizemos diversos Shows. Ano passado saiu um DVD de um show na TV Educativa, de 1984, em que estou tocando. Foram os tempos mais bacanas da minha vida. O Tim Maia não era um cara de rasgar seda. Ele, às vezes, me dava esporro, às vezes me elogiava. Eu também brigava com ele. Mas, com isso, aprendi muito em termos de sonoridade e precisão rítmica.

### **Depois que você saiu da Vitória Régia...**

Eu saí, mas não saí muito. Eu estava sempre junto dos caras. Toquei um tempo com o filho do Zico, no Só no Sapatinho. O Tim sempre me sacaneava com isso. "Que negócio é esse de sapatinho. Sapatinho aperta o pé." Mas fui ao Japão com eles e foi legal. Fiz

um trabalho com Amelinha, viajando pelo Nordeste. Atualmente ainda toco com ela e estou me reunindo com a banda original do Tim Maia para algumas apresentações. O mês de outubro foi muito bom para mim. Tive uma apresentação muito significativa na Sala Baden Powell, em Copacabana, e no dia 25 foi à primeira apresentação com essa banda original do Tim.

### **Quais são as principais dificuldades enfrentadas por um músico hoje?**

Pô cara... São tantas. Fica até difícil saber por onde começar. Espaço legal para tocar é uma dificuldade. Quando tem espaço o cachê é inexpressivo, não corresponde ao esperado. Equipamento. Às vezes a casa não tem equipamento e gera outro problema, que é o transporte para o equipamento que você tem de arrumar. Eu não tenho carro. Aí tenho de alugar um táxi, ou uma kombi. Por aí vai. O ECADE favorece muito aos grandes músicos, mas esquece dos pequenos. Ele ajuda ao Chico Buarque, Caetano, mas os pequenos ficam para trás.

### **Para fechar, o que você aconselha os músicos que estão começando?**

Fazer o que gosta. Acreditar e estudar. Agora, hoje em dia tem de ter uma vida paralela para segurar a onda. Viver de música está cada vez mais difícil. O comércio e a coisa do jabá conseguiram transformar a música em algo descartável. Temos variedade, mas não qualidade.

**2009**

### **Heron Heinz**

Baixista da banda de Punk Rock gaúcha, Os Replicantes, Heron Heinz nos conta um pouco sobre o conjunto e dá seu ponto de vista sobre a cena underground atual, entre outros assuntos. Então vamos deixar de blá blá blá e vamos sentar a pua. Com vocês Heron Heinz. Pode gritar, pessoal.

### **Depois de tantas formações e fases da banda, o que esperar dos novos trabalhos dos Replicantes?**

Muita energia, pegada e o velho estilo Punk Rock da banda. Na verdade, a banda nem teve tantas mudanças assim. O Claudio, o Cleber e eu tocamos há 20 anos com três vocalistas: Wander, Gerbase e agora a Julia.

### **Como é a relação da banda com a cena atual?**

Procuramos estar sempre tocando e vendo shows de outras bandas, novas e/ou conhecidas.

### **E a pirataria? O cd pirata e o mp3 realmente atrapalham o trabalho das bandas? Lembro que antigamente a pessoa comprava um vinil e gravava fitas para seus amigos e isso nunca foi um problema.**

Esse assunto tem dois lados: Para a banda, quanto mais gente conhecer o trabalho, melhor; pra quem grava, e merece o retorno do que investiu, é péssimo. Acho que se o preço fosse menor, não haveria tanta pirataria.

**Desde o movimento Hippie e Punk, não se vê nada realmente novo e influente surgindo no meio musical e no que diz respeito ao comportamento juvenil. Só variações do que já existe. Esta afirmação é verdadeira? Caso seja, a que se deve essa apatia?**

Não acredito em apatia cultural. O que existe é a grande mídia vendendo essa idéia para perpetuar sempre os mesmos medíocres na vitrine.

**Como músicas feitas nos anos 80 podem soar atuais em 2009? Pessoas que começam a ouvir o som de vocês agora pegam os discos antigos e compreendem exatamente o que está sendo dito e a empatia é imediata. Nos próprios shows, o público mais jovem pede, muitas vezes, por músicas dos primeiros discos. Esse é um dos grandes segredos da banda...**

**Falando nisso, por que essa síndrome das músicas antigas? Todas as bandas passam por isso. Sempre tem aquela galera que fica pedindo as dos primeiros discos.**

No geral, as pessoas são muito conservadoras, vão sempre preferir ouvir as músicas que já conhecem ao invés de ouvir as novas. Acho normal. Enquanto público, sou assim também...

**Pra quem curte correr atrás de novidades e não se limita às FMs da vida, o que você sugere?**

Procure sempre os espaços alternativos, underground... Lá é que estão as novidades e as boas bandas antigas que não se limitaram ao "main stream". Não espere pra conhecer uma banda, um artista novo, um filme recente, só depois que apareceu no Faustão. Aliás, não assista o Faustão...

Grande abraço,  
Heron

— Os Replicantes  
Formação atual:

Júlia Barth – Vocals  
Cláudio Heinz – Guitar  
Heron Heinz – Bass  
Cléber Andrade - Drums

Contato:

<http://www.osreplicantes.com.br/>

### **Francisco Bragança é um dos representantes da nova geração do audiovisual.**

Cinema é com ele mesmo. Francisco Bragança fala sobre o panorama do cinema e as dificuldades de quem quer produzir.

**Como foi seu primeiro trabalho?**

O “Beber Conversar e Se Der Cantar” foi uma homenagem que resolvemos prestar a um grupo de seresteiros de Niterói, chamado “Grupo Catedral”. Eles tinham registros impressos e no rádio, mas nenhum registro de imagem em movimento. Isso porque não

são um grupo convencional. Eles não se apresentam no palco. Somente na mesa do bar. Essa história começou na década de 40 e perdura até os dias de hoje. Atualmente, eles engrandecem o Bar Duque, no bairro de Santa Rosa, sempre aos sábados, no fim da tarde. O documentário versa sobre música popular, amizade, longevidade, e tudo isso acompanhado de “saudáveis” bebedeiras. O documentário deve estar disponível no acervo do curso de Comunicação Social da Unipli (nós deixamos uma cópia lá). Quem nos apoiou, na época, foram os professores Maurício Vasquez e Wilson Paraná.

### **Tem previsão para algum projeto novo dentro da área cinematográfica?**

O audiovisual nunca vai sair da minha vida. É meu remédio contra o tédio da vida contemporânea e urbana, onde a maioria das pessoas não se aprofunda. Onde vivemos num culto à artificialidade e a superficialidade. Bom, atualmente estou morando em Recife, produzindo um cineclubes chamado Amoeda Digital e trabalhando com a produtora “nanoproduções” (assim mesmo com letra minúscula). Em breve promoveremos o Cine Chinelo no Pé VIII. Uma mostra no meio da Rua da Moeda, no Recife Antigo, e que funciona como uma “tela livre”. Não existe uma curadoria prévia, quem chegar até 20 minutos antes da sessão começar, com seu trabalho em DVD, tem seu filme exibido.

### **Qual a maior dificuldade para se trabalhar com cinema?**

Eu creio que o problema número um de todos os profissionais de cinema no país é a falta de integração. A desunião. Na Argentina, por exemplo, com toda dificuldade econômica do país, existem cooperativas de audiovisual que incentivam diretores a produzirem o primeiro longa-metragem ainda jovens, com vinte e poucos anos de idade.

### **O cinema nacional está descobrindo caminhos ou está sendo desencaminhado?**

Depende da vertente. Eu acho que existem mais de duas vertentes, mas a grosso modo podemos bi polarizar essa história. Existe a vertente retrógrada e conservadora, que cada vez mais faz nosso cinema ser extremamente parecido com o estadunidense e com os europeus “hollywoodianizados”, nos afastando cada vez mais do audiovisual latino-americano, ou seja, nos deixa sem identidade própria. Existe outra vertente experimentalista que dialoga com as novas tecnologias e as novas mídias, não temendo dialogar também com outras expressões artísticas. Isso engrandece a linguagem. É uma pena que as pessoas que não são do meio, não conheçam essa segunda vertente, ou quando conhecem, têm um conhecimento superficial. Mas, uma coisa é certa, essa segunda vertente é difícil de digerir pra quem está, ou foi acostumado com tudo explícito e bem explicadinho, para ninguém ter trabalho de pensar. Tudo de entretenimento fácil.

### **O que é um bom filme?**

Depende do ponto de vista. Mas, pra ser objetivo e abrangente ao mesmo tempo, o bom filme é aquele que te faz refletir sobre os temas abordados. Como esses assuntos são trabalhados no cotidiano da vida real. E não falo só dos filmes de ficção ou experimentais. Esse pensamento serve também para os documentários. O documentário é uma história contada do ponto de vista de uma ou mais pessoas. E um questionamento para reflexões seria, como é, ou como foi, a realidade plausível das pessoas que foram documentadas, dos momentos documentados?

### **Uma referência a ser apreciada por todos que se interessam pela sétima arte?**

Putz... Têm várias e diversificadas. Mas, vou citar um filme nacional pouco conhecido que se chama “A Conceção”, de José Eduardo Belmonte. Pra mim é uma referência, porque faz um recorte particular da juventude elitizada de Brasília. Uma juventude que vive do excesso material e acaba caindo num vazio existencial. O curioso é que esse "particular" da juventude brasiliense pode ser visto em qualquer juventude elitizada de outros centros urbanos do Brasil. Só muda o sotaque e a geografia regional. O comportamento é basicamente o mesmo. Tecnicamente tem planos ousados, uma boa trilha sonora e é um filme bem montado. “A Conceção”, sem dúvidas, é um filme referencial, pra mim.

### **Mario Ruy aposta em blues para terráqueos e extra-terrestres**

Mario Ruy, grande nome do blues Niteroiense, prepara seu terceiro cd, que pretende sair do forno em breve. Dono de uma personalidade marcante e uma paz de espírito única, ele contou um pouco de sua história musical e de como se aproximou dos fenômenos intergalácticos. Assuntos que discute com muita dedicação e seriedade. Poeta desde os 15 anos, ganhou seu primeiro violão aos 16, montando em seguida uma banda que tocava em bares e festas de aniversário. Em 1981, ao lado de Paulinho guitarra, Carlinhos Simões e Serginho Batera, formou o Alynaskyna, que inicialmente fazia cover do Lynerd Skyner. Em 1984, assinaram contrato com a Polygram para gravar "Rock 84", um disco com outras cinco bandas, que também disputavam o espaço nas rádios. Em 1985, gravaram o compacto Banda Atômica, fazendo inúmeros shows pelo Brasil e tocando em algumas rádios

Compositor e interprete, lançou seu primeiro cd solo, "O Equilibrista", em 1998, pelo selo “Niterói Discos”, gravando as músicas que mais agradavam ao público em suas apresentações. Em seguida, veio o viajante espacial, lançado em 2000. De acordo com seu release, esse disco, "aborda com sobriedade e sensibilidade o serviço de extraterrestres no planeta, assim como em todo sistema solar". No encarte desse cd, pode-se encontrar a foto ampliada que foi capa de seu primeiro trabalho solo, destacando o que seria, segundo Mario, "uma nave ultra-dimensional sobre a lagoa de Piratininga". Seu próximo cd está prestes a sair, prometendo muitas surpresas para os fãs e um ótimo cartão de apresentação para quem ainda não conhece seu trabalho.

### **Como a música entrou em sua vida e como você desenvolveu maior sensibilidade para o blues?**

Não é difícil te dizer como a música entrou em minha vida. Ela fluiu naturalmente. Como o sopro do vento. Como o sol que brilha. Comecei a tocar aos 16 anos em um violão Di Giorgio de nylon. Logo, com os primeiros acordes que aprendi, comecei a compor algumas canções. Mesmo com os poucos acordes, eu me divertia.

### **Por que bandas como a Alynaskyna, que viveram em uma época em que o rock estava em alta e tinham tudo para dar certo, ficaram jogadas a margem, enquanto outras alavancaram?**

Gostei do jogadas às margens... O mercado fonográfico sempre foi cruel e massificado, quase uma loteria. As bandas crescendo em número cada vez maior e qualidade. Nós tocávamos bastante, principalmente depois da divulgação de nossas músicas na Rádio Fluminense. Mesmo antes de gravar em vinil (o nosso primeiro disco foi um vinil,

chamado, na gíria fonográfica de " pau de sêbo", onde gravaram cinco bandas, com duas músicas cada uma), a MALDITA já tocava algumas das nossas. Era só chegar com uma fita nova, rolo de 16 canais, geralmente, éramos super bem recebidos e colocados no ar. O L..P. sob o título ROCK 84 (o pau de sebo) reuniu composições de bandas que eram executadas pela rádio. Então, era um salve-se quem puder!!! Um corre-corre danado. As nossas músicas que tocaram, foram muito bem recebidas pelos ouvintes, com muitos telefonemas querendo saber mais sobre nós e pedidos de músicas. As composições que a Rádio Fluminense executava, O EQUILIBRISTA, CARNE BARATA, GOSTO DE VOCÊ, POESIA DE AMOR, ME DÊ A MÃO e VIDA, rolavam várias vezes ao dia. De 82 até 84, fizemos 42 apresentações no Circo Voador. O Morro da Urca foi inesquecível, com a festa de aniversário da Maldita. Também no Canecão, outro aniversário da Rádio Fluminense. Sem falar em várias outras casas, cidades e estados. Sempre recebidos com muito amor e, para surpresa nossa, com o público cantando nossas canções. Em todos os lugares que íamos, lá estavam eles, enchendo bares, quadras, clubes, praias ou rios. Como podemos ver, não foi tão mau assim "ficar jogado às margens". Os dados continuam rolando...

### **Fale sobre a capa do "Equilibrista".**

A capa é muito bonita. Nascer do sol visto do Parque da Cidade. A sombra humana é uma montagem sobre a foto do momento, dando a impressão de ser "alguém vindo de fora". O momento é muito especial para mim. Foi uma confirmação dos contatos que desde longa data estavam acontecendo. Foi um simples pedido cheio de Amor: "Se vocês estão aí, será que poderiam aparecer na capa do nosso CD?" A resposta foi imediata: "Vão ao nascer do sol e fotografem à vontade. Foram mais de 100 fotos, mas assim que chegaram às minhas mãos, não tive nenhuma dificuldade em localizar esta. O local não foi designado, pois eu já pretendia fotos nesta locação. Alguém já sabia disso...

### **O que te despertou para a ufologia?**

"Quem olha apenas os próprios pés, jamais verá o brilho das estrelas." Desde a infância tenho visto muitas luzes movimentando-se incessantemente pelos céus. Cresci testemunhando essas visitas. Era como um convite de outros mundos, de outras esferas... conforme fui crescendo (em idade) compreendi que dentro das luzes a Vida continuava, em outros planos, a evoluir...

### **Quem são esses seres e o que eles vêm buscar aqui?**

Essa pergunta é muito difícil. Não posso responder em termos racionais. Mas posso dizer que é uma missão de resgate de almas. Uma Ajuda que Nosso Planeta nunca teve, em toda sua trajetória. É uma missão de PAZ E AMOR.

### **Como seu interesse sobre esse assunto interage com suas músicas?**

Todas as composições que foram feitas através de mim, são experiências realmente vivenciadas no decorrer dos tempos. Isso acontece naturalmente, como te falei mais acima, as primeiras composições, os primeiros acordes... Assim acontece também com a interatividade cósmica. Procuro estar disponível para assimilar os propósitos do Universo. Através das composições musicais, com suavidade e sem imposições, posso falar tranquilamente sobre esse tema, hoje em dia tão em voga. Posso divulgar essas presenças sem ofender as pessoas e sem causar pânico algum. É uma grande honra, poder colaborar com Planos tão magníficos e incompreensíveis ainda para nós.

## **"A realidade é para aqueles que não podem suportar o sonho"**

A frase de J. Lacan dá início a um dos blogs mais autênticos e interessantes da atualidade: O Egibson ([www.msgibson-eg.blogspot.com](http://www.msgibson-eg.blogspot.com)). A página é administrada pela própria Egibson, que expõe ali o fino de suas elucubrações. Amapaense, nascida em Macapá, em outubro de 1970, veio para o Rio de Janeiro. “Por desespero, curiosidade, falta de ar ou mesmo sentimento de fuga, assim que completei 18 anos, catei meus trapinhos e alguns dos meus melhores amigos de páginas amareladas e me mudei, contra a vontade de todos.”

Incentivada pelo pai (“velho rabugento, quase um ogro e carne de pescoço, mas com uma puta veia literária, me aconselhou a estudar Letras, porque sabia do meu grande interesse desde cedo pelo texto e pela escrita. Interesses estimulados por ele, que, dentre outras coisas, fez minha inscrição na Biblioteca Pública da cidade quando eu ainda era bem criança, lugar que passei a frequentar compulsivamente”), sempre se interessou por literatura.

Mãe, cineasta, escritora, integrante do Coletivo Categóricos, mulher liberta e um ser sem igual: essa é Egibson.

**Ao contar sobre sua vida, antes de nossa entrevista, você citou Homero e Safo e lhes deu certo destaque. No seu blog, eles estão entre os seus "Sem comentários". Qual a importância deles para você?**

Importantes quanto à construção de um eu lírico. Do texto de Homero, o que posso dizer? Um artesão da imagem. A força dramática dos personagens, arquétipos bem construídos. O enorme compromisso com o simples narrar uma história, independente de um final. Quando li *Ilíada* pela primeira vez quase gozei com a descrição de Aquiles, tomado pela ira pelo assassinato de seu amigo (pura paixão!), arrastando o corpo do nobre e corajoso Heitor ao redor das muralhas de Tróia. E também com o velho rei Príamo, sozinho e desarmado, num gesto de infinita humildade e dor, indo suplicar ao inimigo que lhe fosse devolvido o corpo do filho, pra que fossem feitas as justas honrarias fúnebres. Um mundo de guerreiros, levados ao extremo no que existe de mais visceral, aliás, nesse mundo, até os deuses são tomados por essa “humanidade”. Foda. Quanto à Safo, sei lá. Pouco se sabe dela e da sua obra. Só fragmentos. Muita especulação. Mas o que fica pra mim - pobre mortal - é que Safo foi uma mulher extraordinária, não somente pela sua poesia (outra apaixonada das boas, das mais tórridas, desesperadas, livres, entregues que já li, contrapondo ao esmero na construção formal) mas também pela sua representatividade como símbolo de mulher LIBERTÁRIA, à frente do seu tempo. Única (pelo menos que eu tenha conhecimento) representante feminina na produção poética daquela época, no meio a uma lista, DE PESO, de poetas do sexo masculino. Safo pra mim é a figura da mulher realmente moderna, mais que muita “moderninha” dos dias de hoje. Aliás, cá tenho minhas desconfianças quanto a essa modernidade/liberdade atribuída à mulher contemporânea. Reconheço e agradeço demais os avanços no campo profissional que minhas antecessoras conquistaram com muita luta. Mas, fora a questão profissional, não vejo tanta diferença entre a mulher de hoje e as minhas avós. Falo do ponto de vista emocional. O tempo passa e continuamos a acreditar nos malditos príncipes, a achar normal a porra da síndrome de amelice, convivendo confortavelmente com o eterno “servir”, em diferentes escalas, a viver a espera de um PAU GENEROSO que nos preencha as vidas medíocres de princesas, variando entre extremos de puras, a putas. E carregando sempre a maldita maçã, da qual não conseguimos nos livrar nunca, responsável, na minha opinião, pelo pavor que alimentamos da nossa sexualidade. É

isso, a espera de um pau que nos ampare, nos dê a tal segurança (emocional). Sou mais Safo. É provável que eu mesma tenha criado uma Safo imaginária na minha cabeça. Mas, assim como os antigos gregos, faço questão de alimentar e render homenagens aos meus mitos. Tenho até vontade, agora mesmo, de sacrificar um cordeiro em honra a essa mulher.

### **Fale sobre seus filmes.**

Dois curtas de ficção e um possível longa metragem documentário. O primeiro curta surgiu numa aula de roteiro. Argumento e roteiro divididos com um amigo roteirista da Darcy (Escola de Cinema Darcy Ribeiro), João da Hora. Metemos a cara e resolvemos realizar na marra. Foi minha primeira experiência (difícil, pra ser sincera). Tentamos construir uma história que se sustentasse no arquétipo de um orixá africano, Ogum. Muito interessante o processo de construção. Muita pesquisa e entrega. Já valeu a pena por isso. O segundo também surgiu na sala de aula. Esse teve roteiro todo escrito por mim, mais introspectivo, mais psicológico – história de um monge – com uma trama que gira em torno do embate entre dois titãs da modernidade, “a pulsão e a renúncia”, sempre em luta pelos nossos objetos de desejo, sejam lá quais forem, o gozo, o desejo – “objeto a”. Já no terceiro, minha participação é na produção. Trata-se de um doc sobre a vida e a obra de um fotógrafo (J.M.Goes) que há vinte anos só fotografa mulheres nuas, em P&B, num processo todo analógico, artesanal. Lindo. Acredito que dele seja o maior acervo de nu artístico, pelo menos do Brasil. Além de trabalhar a coisa da fotografia, da imagem em si, tem todo um leque de questões envolvidas, como velhice e solidão, mulher e os tabus com seu corpo, artista e sua paixão pela arte, progresso versus tradição etc. A concepção original é do João da Hora e a direção de Julio C. Siqueira (cineasta que participa comigo do Coletivo Categóricos).

### **Algum já tem data de lançamento?**

Ahhh... essa é a parte chata. Ingênua, eu sempre achei que o mais difícil fosse filmar. Nada! Filmar pega no tranco. Depois de filmado é que a novela começa. Bem, espero concluir tudo no início de 2010. Se os deuses do cinema ajudarem.

### **O que é o Coletivo Categóricos?**

Categóricos é um oásis de coletividade numa época em que todos buscam refúgio em seus próprios umbigos. Um grupo de sete pessoas na contramão do fuzuê eufórico da correria, da falta de tempo, da ausência de reflexão, do desinteresse pelo coletivo. Criaturas que se propõe a parar um pouco pra ruminar suas questões e regurgitar algumas transformações, ou simplesmente pessoas que se encontram pra tomar um café, ou uma cervã. Alguns alimentando singelas pretensões, como a de consertar o mundo, por exemplo. Fui parar nesse bonde convidada por um grande amigo que conheci na Darcy, Nóbrega, poeta, profundo conhecedor da sétima arte, dentre outras coisas. Entrei e passei a contribuir com meus ovários revoltosos, únicos, em meio a colhões ideológicos. Seis rapazes talentosos e eu. A idéia é discutirmos crenças, valores, ideologias, preconceitos, ou falar de cinema (proposta inicial do grupo), de literatura, e até do maldito futebol – o que me revolta um pouquinho, mas me calo, aceito em nome da tal democracia, a voz da maioria... e espero tranquilamente passar a onda (risos). É uma mistura boa, dá um bom caldo – às vezes entorna. Há de tudo um pouco: cineastas, um filósofo, jornalista ativista, um analista político que cospe maribondos afiados pra todos os lados... há poetas. Nos encontramos aos sábados há um ano. Vamos inaugurar um portal em breve, onde daremos ciência ao planeta dos nossos planos.

### **E seu projeto no Complexo do Turano?**

O Complexo do Turano veio a partir de um convite feito pelo pessoal do ponto de cultura “O Som das Comunidades” a um dos Categóricos (Leandro Uchoas, jornalista e roteirista) que trabalha pro pontão da ECO. A idéia era iniciarmos os músicos da comunidade nas técnicas de roteiro, narrativa audiovisual, pra que mais tarde eles pudessem trabalhar nos videoclipes das suas bandas. Leandro estendeu o convite ao restante do grupo, assim fomos eu, Leandro, André Loureiro (também roteirista e jornalista), com a participação especial de Guilherme Jorge (o cuspidor de maribondos), durante quatro sábados. Todos recebidos com um enorme carinho pelos garotos (músicos) da comunidade, e pelos coordenadores do ponto de cultura, Nyeta e Luiz. Foi uma experiência surpreendente, em especial pra mim, que nunca havia participado de uma troca assim. Imagina! Botar a turma pra ouvir sobre dramaturgia, narrativa, protagonista, três atos, argumento, escaleta?? Mas aqueles meninos, cada um com seu talento, estavam lá, curiosos, dispostos a ouvir tudo. Tímidos no início, mas ainda assim nos esperavam com uma puta vontade de fazer, de conhecer a novidade. Me senti importantíssima! Quem tinha alguma dificuldade com a escrita, mandava mesmo no desenho, e assim rolou até um storyboard. Todos com essência musical e letristas, o que ajudou bastante. O que importa é que podem até não ter saído grandes roteiristas, afiados na tal da controversa “técnica”, mas com certeza saíram tocados pela magia de se criar um mundo paralelo, novo, povoado por criaturas desconhecidas, que nos surpreendem a cada mudança de cena, birrentas e difíceis às vezes, mas ao mesmo tempo completamente dependentes de nós, os meio deuses, meio loucos, pra existirem e soltarem seus verbos. Fazer parte dessa descoberta foi maravilhoso. Desconfio que essa foi a maior contribuição que eu e os meninos poderíamos ter dado.

### **Agora chegamos ao ponto g: O blog. Que veículo maravilhoso foi aquele que você conseguiu construir?**

Sem dúvida meu melhor ponto (risos), o ponto que definitivamente me arrebatou. No início eu era bastante preconceituosa com essa coisa de blog, confesso. Daí descobri o que exatamente me incomodava no geral. Ou seja, a chatice da auto ajuda (mania de querer fornecer uma fórmula mágica pra que sejamos “pessoas melhores”), aliada a um sentimento megalomaniaco onde reina um “eu” vazio. E dá-lhe enxurrada de diários-virtuais sem conteúdo algum, chatos. Ô vontade que dá de perguntar pra cada um: “filho, de onde você tirou que saber o que você comeu hoje é tão interessante assim? Se você não expõe isso de forma inteligente?” Detesto isso! Tentei, e tento, fugir dessas armadilhas desesperadamente. Como te falei, meu blog hoje é meu xodó. É SIM meu mundo, de cores (escuras! - risos), figuras, frases soltas, pedaços de sonhos... minha ambiência. Mas apesar de expor ali minha matéria bruta, ela é “utilitária”, existe em função de algo que pra mim é maior, o senhor absoluto que dita as ordens por lá: o TEXTO. Acredito que fora dali é tudo interpretação. Interpreto agora, quando respondo suas perguntas. Você interpreta quando me pergunta. Interpretamos quando estamos no ônibus, no trabalho, em reuniões sociais (trepando, na maioria das vezes não interpretamos, se houver harmonia verdadeira, lógico). Interpretamos quando levantamos da cama e escolhemos a roupa, as combinações e os apetrechos de convencimento que vamos utilizar durante o embate do dia. Mas naquele espaço lá, o MEU espaço sombrio, soturno, lá entro em contato com o que eu acredito que tenho de mais real. O sonho. E essa matéria uso pra escrever. Talvez pareça esquisito o que falo, mas estou convencida disso. Lá busco deixar de lado (ou em segundo plano pelo menos) os dogmas, a ética, a veia política, a moral, os bons costumes, ou qualquer outro fator que tente me acorrentar o verbo. É lógico que a liberdade total é uma bela utopia. A

Literatura, assim como qualquer outra arte, pode sim se prestar a instrumento “deliberadamente” político. Não acho nada de errado ou ruim nisso. Muito pelo contrário. Mas, sinceramente, não é meu objetivo principal HOJE, pelo menos não de forma escancarada. Preciso respirar livremente. Preciso dessa liberdade pra estar viva, pra não desistir de tudo. Então, claro, todas essas criaturas acorrentadoras ficam gritando no meu ouvido quando escrevo: me escuta! me escuta! olha eu aqui! olha eu aqui! Eu sou consciente dessa gritaria toda. Mas no blog me sinto no dever de tapar os ouvidos um pouco pra tudo isso. Tentar pelo menos. É bom que se diga que isso é um feito homérico, mas por enquanto ainda é meu objetivo mor. Como diria Rotterdam, no seu Elogio da Loucura, "os poetas e os pintores formam uma nação livre", os mais fiéis e mais constantes adoradores da Sra. Loucura. Quero fazer parte essa nação. Enfim, o blog é minha pequena, e presunçosa, e arrogante sim, contribuição à OBRA. Num mundo do espetáculo, onde o EU, na figura do AUTOR, é quem tem todos os holofotes, é quem sobressai de fato. Vide as espetaculares bienais e festivais literários, que pra mim parecem muitas vezes um circo, enchendo os bolsos dos interessados, mais do que propriamente estimulando o grande público, em especial os menos favorecidos, a sentir o verdadeiro tesão pela obra. O povo tá indo lá pra tirar fotos e buscar autógrafos, saem de lá carregados de livros que nunca vão ler (os que podem comprar, claro). Com a experiência de que conheceram fulano e beltrano. Como se tivessem ido ao shopping renovar o guarda roupa, comprar alguns pares de sapatos e bolsas. É minha opinião.

### **E a escolha da frase "A realidade é para aqueles que não podem suportar o sonho", de Lacan?**

Sou muito intrometida e abusada com esse lance de Psicanálise. A frase é um convite ao sonho, mesmo que pareça assustador em princípio. E não falo sonho com a maldita conotação lânguida, feliz, de um campo florido com um barulhinho de água descendo de uma fonte, cristais brilhando, cores vivas e nuvens branquinhas no céu. Eu falo de um mergulho de cabeça no que o ser humano tem de mais carnal. E pulsante. E sórdido. E triste, por que não? Odeio essa ditadura opressiva dos tempos atuais que todos TÊM QUE ser felizes e sorridentes! É o tempo inteiro isso! Uma cacetada de mensagens: seja feliz! seja feliz! É pressão full time! Na TV, na música, na propaganda (principalmente!), na "literatura" que se faz por aí. E toma-lhe gurus experts em felicidade, com fórmulas mágicas pra se atingir um estado "superior". E a prosa & verso? Ficam como? Acorrentados por esse bombardeio de "bons" sentimentos? Daí proliferam os escritores auto ajuda que fazem muito sucesso hoje. Ninguém quer se olhar no espelho. Um bando de leitores medrosos, passivos. Todos fazem questão da sua mensagem bonita no final. É o que eu digo: a porra da sopinha quentinha, pra acalantar o peito. E onde fica o delicioso TESÃO? A dor! A incomparável IRA, com sua força transformadora? A boca espumando de ódio e tesão? AMO a imagem de uma boca espumando! O ciúme? A inveja? O pavor! A insegurança? O asco? O estômago revirando! A vontade de morrer? A vontade de destruir, pra quem sabe, SE valer a pena, reconstruir? O vigor de um chute no estômago? Ou de um soco numa parede de chapisco? Isso tudo tá aí SIM pra ser vivenciado. A literatura permite SIM todas essas coisas. E por que não dar espaço pra isso? No final eu só me pergunto o seguinte: a quem mesmo será que interessa essa tal felicidade tão contemplativa e passiva, onde todos devem ser um sorriso de orelha a orelha, mesmo em circunstâncias mais adversas e desiguais? Me fala se caminhamos alguma coisa desse jeito? Tudo vai ficar do jeitinho que está, não? Quem será que ganha com isso?

**Existem inúmeros materiais, que foram postados no blog, sobre os quais gostaria de falar aqui, mas vou tentar selecionar pelo menos dois que mais mexeram comigo: MEU VENTRE E OS TRÊS ATOS.**

É estranho falar de um texto meu especificamente. O impulso é o de inverter e pedir pra você falar sobre eles. Muito interessante ouvir as releituras que são feitas a partir de uma criação sua. Outro dia me apontaram (interpretaram) uma passagem num texto meu que, juro, nunca me passou pela cabeça. Bem, mas vamos lá. “Meu Vente” é fruto de uma dessas vozes que gritam no meu ouvido quando tô escrevendo, que eu me esforço em não escutar e nem sempre consigo (expliquei). Falar sobre aborto é uma bandeira minha, pessoa, não da candidata à escritora. Discurso assumido, paradoxalmente a minha opção por não levantar bandeiras escancaradas. Mas não ligo pra essa coisa de ter que ser coerente. Há tempos me perturba muito a questão da criminalização, e principalmente o massacre físico e emocional sofrido por mulheres, muito em especial as pobres, e mais em especial as negras, desamparadas pelo poder público, sem voz alguma. Pra mim é injusto que classe média e alta possam tranquilamente DECIDIR entre interromper ou não uma gravidez indesejada (com o Estado fazendo vistas grossas, pois todos sabemos onde estão as clínicas), enquanto quem não tem grana nenhuma, que vive em condições precárias, fica à mercê de profissionais filhos da puta, muitas vezes pagos com o nosso imposto, que se julgam deuses, capazes de decidir o que é moralmente certo ou errado. Ou então à mercê das tais “enfermeiras”, ou coisas piores. Não é justo que seja dado, mesmo que indiretamente, o benefício da OPÇÃO a mulheres “bem de vida”, benefício com que eu concordo, que se diga, enquanto as ferradas morrem aos montes, ou ficam física e emocionalmente doentes. Viu só? Nesse caso a voz gritou bem alto.

“Três Atos” é uma delícia. Adorei escrever isso. E me orgulho. É pequeno, curtinho, mas me deu muito tesão - literalmente falando (risos). Ele é reflexo de uma fase bukowskiana - outro autor que babo muito. Busquei exacerbar o recurso da imagem e, de quebra, dar uma catucada nos tais mini contos (muito populares no twitter, limitados a 140 caracteres), que, pra mim, não passam de um exercício, criativo que se diga, dos famigerados três atos, muito bom pra marketing. Muito bom pra quem gosta de escrever roteiro. Literatura? Daí tenho minhas dúvidas.

**E as poesias? Como é fazer poesia em mundo tão brutal, que se rende cada vez mais a artificialidade?**

Artificialidade é algo execrável. Quanto à brutalidade, não vejo necessariamente como algo ruim. Explico. Não sei se alguém já disse isso, mas se disse, digo de novo. Escrever “pra mim”, muito em especial poesia, funciona como uma escavação numa caverna escura, muito profunda, perigosa, onde o ar é rarefeito, sufocante, numa eterna sensação de quasi-morte. Avalia-se todo ambiente, e caso se desconfie que exista alguma coisa interessante, uma pequena explosão é necessária, com todo cuidado, lógico, torcendo muito pra que o explosivo seja no ponto certo, pra não pôr em risco nem a matéria essencial (o brutal), nem nossa própria integridade física. Se depois da explosão a matéria “certa” realmente estiver lá, ela é separada com muuuuito cuidado da pedra ordinária que existe em abundância na superfície (essa tal artificialidade), e trabalhada pra que se transforme em jóia. Com rima, sem rima. Com métrica, sem métrica. Ou não. Ou é simplesmente deixada como foi encontrada - às vezes é mais interessante. Mas sempre, SEMPRE, com música. Essa é a idéia. A melodia. Mas uma música produzida por combinações de sons vindos do interior... de cavernas.

### **Uma receita para mudar o mundo.**

Ah sério? Vai me forçar mesmo a gastar a auto ajuda? (risos). Taí, seria interessante SIM se o condomínio aqui fosse um pouco mais igualitário. Tá lamentável a situação atual. Mas essa desproporção de uns com duas, três, quatro vagas, outros sem vaga nenhuma (e não venham me dizer que é justo! Porque o cara das quatro vagas só é capaz de usar uma única!), só melhora se pararmos de viver nas águas calmas da superfície, com pavor do mergulho. É só no mergulho que encontramos a matéria. Torta, defeituosa, cheia de inseguranças e medos. Preconceitos. Fraquezas. Por que não fraquezas? Se visualizarmos nossas tripas, vamos perceber que somos bem parecidos com o vizinho aí do lado, o tal sem vaga, sabe? Sem essa de SÓ ficar consertando da pele pra fora. Só no botox... Uma vez bem conhecida a fera, teremos condições de acalmá-la. Pronto, gastei meu recurso da mensagem positiva!! Agora, nada de mundo perfeito. Perfeição me revira o estômago. Perfeição só lá no paraíso, talvez na Suíça, de onde quero distância. Que poesia eu faria no paraíso?

### **Ensinando a viver e vencer, Cesar conta sua história**

Cesar Cordeiro Beariz, 38, morador da Rocinha, nasceu em Botafogo, Rio de Janeiro. Filho de Joaquim Rodrigues Bearis (português) e Narcizi Cordeiro (paraibana), Cesar foi um verdadeiro prodígio nos esportes radicais. Quando pensei na seção **Atitude**, do meu jornal **IMPRESSO DAS COMUNIDADES**, lembrei logo deste nome como sendo perfeito para inaugurá-la. Mesmo perdendo a visão aos 19 anos, este guerreiro conseguiu dar a volta por cima e demonstrar que tudo é possível quando se tem força de vontade. Um verdadeiro retrato do que é ter **Atitude**.

"Acho a Rocinha um ótimo lugar para se viver"

#### **Como você entrou para o mundo dos esportes radicais?**

Nos tempos de escola, conheci uma galera que tinha uma situação financeira melhor que a minha e eles curtiam andar de bicicleta. Foi aí que comecei no bicicross. Um tempo depois, enquanto trabalhava de caseiro, encontrei uma moto, daquelas pequenas, para minicross, largada na garagem. Pedi aos donos da casa e eles me deram.

#### **Quantos anos você tinha nessa época?**

Treze anos.

#### **O que veio a seguir?**

Depois quis uma moto melhor para entrar no motocross e comecei a juntar dinheiro. Trabalhava carregando sacos de golfe. Chegava ao campo as 7:00h para conseguir carregar pelo menos três sacos de tacos por dia.

#### **E conseguiu?**

Aos 14 anos já tinha minha moto e comecei a dirigir carro. Entrei para o motocross como queria e comprei um Opala para o Stock Car. Aí meus pais se separaram e fui trabalhar de Marrequinho (empacotador, nos Supermercados Sendas). Passado um tempo, trabalhei como overloquista da Company. Juntei dinheiro e comprei uma moto melhor. Uma YZ250 Yamaha. Apaixonei-me por Motovelocidade. Mas nisso, estava envolvido, ao mesmo tempo, com outros esportes, como o surf e o skate.

### **Mas você se especializou em motovelocidade?**

Pratiquei vários esportes, mas a motovelocidade era minha especialidade. Corri em diversas competições. Tirei o primeiro lugar no Campeonato carioca em 86. Com 15 para 16 anos. Comprei outra moto com o prêmio. Tirei 2º e 3º lugares no campeonato Brasileiro. Tirei o 2º lugar na categoria estreante. Lembrando que, para um cara que mora dentro de comunidade, era muito difícil montar uma moto. É muito caro.

### **Você chegou a receber alguma proposta na área?**

Recebi uma proposta da Yamaha, mas em janeiro, de 1990, entre 20h e 21h, no Alto da Boa Vista, minha vida mudou. Sofri o acidente que me tirou a visão. Depois de incontáveis acidentes, aconteceu este, que me impossibilitou de vez de praticar esportes radicais como vinha praticando. Estava em alta velocidade e bati de moto. Diagnóstico: Hemorragia e afundamento no globo ocular.

### **O que mudou?**

Tudo. Minha mulher me deixou, os amigos sumiram (chegavam a passar do meu lado em silêncio para eu não perceber que eram eles) e perdi o emprego. No início foi muito difícil, mas comecei a correr atrás e a visitar médicos. Chegando ao Instituto Benjamin Constant conheci os cursos que eram oferecidos. Fiz o Braille e o Soroban, que são obrigatórios. Fiz também Datilografia, Encadernação, Massoterapia e Auxiliar de Radiologia. Fui considerado pelo setor de reabilitação como aluno exemplar. Fiz todos os cursos em quatro anos. Morei com uma pessoa (também deficiente visual) com quem tive uma filha, mas atualmente estou separado. Hoje atuo na Massoterapia e como Auxiliar de Radiologia. Faço também uns freelancers em uma gráfica que fica próxima a Rocinha como encadernador. Sinto-me completamente habilitado para exercer minhas funções. E bola pra frente.

### **Sobre a Rocinha**

Por Cesar Cordeiro

A Rocinha tem esse nome porque seus primeiros habitantes faziam hortas e criavam animais para o seu sustento. Os que chegaram depois se referiam ao lugar como Rocinha, por seu aspecto rural. Uma mini roça. Aí foram fazendo casas, até chegar como está hoje. Nos anos 80 e 90, a favela cresceu muito. Abriam creches, centros culturais, escolas e um farto comércio. Muitas melhorias foram feitas no que diz respeito à pavimentação e iluminação. A água que eu tinha de carregar até em casa, já chega pelos encanamentos. Tem também a escola de samba Acadêmicos da Rocinha, que surgiu da união de dois blocos locais. Vivo muito bem na comunidade.

### **Você sabe o que é o CUB?**

#### **Como funciona o CUB e como ele consegue receber informações de todo Brasil, já que se trata de um organismo a nível nacional?**

O CUB era uma biblioteca que funcionava na Rua Senador Dantas, no Rio de Janeiro de 1976 até 2004. Neste ano, o CUB fechou. Depois ele reapareceu como uma comunidade no ORKUT, em 2006. Hoje temos cerca de 37.000 membros de todo o

Brasil. Temos um site que recebe 258.000 acessos por mês, e atualizamos nossas informações diariamente. Temos ainda 172 membros oficiais que estão se preparando para fazerem pesquisa de campo no futuro.

**Quais os métodos utilizados para testar a veracidade das experiências? Existem muitas Fraudes?**

Mais de 92% da ufologia é feita de relatos, enganos, ilusões de óptica e fenômenos naturais que o povo desconhece. O número de fraudes é pequeno e diria que é de 1 a 2% de todos os casos. Com a invenção da foto digital, muitas pessoas fotografam pássaros e insetos acreditando serem naves espaciais. Os casos verídicos de objetos desconhecidos no espaço aéreo chegam a 2%.

**Como é formado um Ufólogo? Ele passa por cursos ou o aprendizado é totalmente a cargo do estudante?**

Ufologia no Brasil é Hobby. O único país do mundo que tem uma universidade de ufologia é o Chile. Nos Estados Unidos e Europa existem Cursos para formar pesquisadores de campo dados por grupos como o CUFOS, BUFORA, FUFORA, AFU etc...

No Brasil, o ufólogo é mais um jornalista do que um pesquisador. O ufólogo entrevista as testemunhas, visita o local do avistamento, o fotografa e quando coleta alguma prova, se ele tem recursos financeiros, paga um laboratório do bolso dele para investigar as amostras coletadas no campo.

**Por que as pessoas tem tanta dificuldade em acreditar em vida extraterrestre?**

Porque ela ainda não foi comprovada cientificamente. Tudo que existe sobre os ET's são relatos e histórias ditas pela boca do homem. Prova que é bom, ainda não houve um ser humano que aparecesse com uma.

Eu particularmente acredito na possibilidade de vida em outros planetas, devido a imensidão do universo e da quantidade de planetas que nele existem. Mas não acredito que de fato eles já chegaram aqui.

Abraços,

Milton Dino Frank Junior  
Presidente do CUB

2010

**ENTREVISTA COM LAERTE**

**Antes de mais nada, obrigado por existir e me responder com tanta presteza. Sem Você, o Glauco e o Angeli, não seria quem sou hoje.**

“Obrigado por existir”. Isso é doido. Eu não tinha escolha, Fabio!

**Em primeiro lugar, gostaria de satisfazer uma dúvida de muitos: O que aconteceu com aquelas maravilhosas revistas em quadrinhos dos anos 80?**

As revistas dos anos 80 faliram nos anos 90. Assim, bem resumido, eram projetos muito precários do ponto de vista empresarial, ainda que importantes como expressão cultural. As histórias em quadrinho, como tendência, buscaram o caminho das livrarias.

.  
**Você conseguiu construir personagens inesquecíveis em sua trajetória. Piratas do Tietê e os Gatinhos são apenas alguns exemplos deste universo. Como se dá o nascimento destas criaturas?**

Não sinto que a criação de personagens seja a parte mais forte no que eu faço. Mantive vários deles meio que por conveniência, porque, no contexto dos quadrinhos, personagens são um elemento muito reconhecido. Em geral, minhas melhores experiências são personagens que nasceram dentro de histórias, em situações onde faziam sentido naquele momento. Alguns deles sobreviveram a esse momento e tiveram uma certa vida..

.  
**Você sempre diz que utiliza personagens clichês, mas acho todos eles únicos. Como o clichê assume esse perfil diferenciado?**

Em personagens como os Piratas, Deus, Overman, usei a representação mais comum em que pude pensar. Minha intenção era a de que os leitores não tivessem a menor hesitação em fazer uma classificação inicial da idéia. O que se passa a seguir é um jogo que me agrada muito: transformar, transportar conteúdos, trocar significados. Fazer dos Piratas moradores da megalópole atual, de Deus uma pessoa comum, de um super-herói alguém inserido no cotidiano prosaico.

.  
**Fale sobre "Deus segundo Laerte".**

Como disse, parti do deus único da mitologia católica, da representação arquetípica de um velho senhor todo-poderoso, e tratei-o como uma pessoa comum, com reações que misturam a metafísica e as terrenidades. Outros elementos da mitologia e da história das religiões acabaram frequentando as histórias: santos, anjos, demônios, Jesus, Buda etc. As reações - vindas de pessoas de várias correntes religiosas - a esse trabalho, foram muito positivas, em geral..

.  
**E a parceria com o Glauco e o Angeli?**

Conheci o Angeli antes, quando nós dois começávamos a publicar por aí. O Glauco apareceu num dos primeiros salões de humor em Piracicaba e logo sentimos uma identificação forte com ele. O Angeli foi quem criou os veículos da nossa parceria - na Folha de São Paulo e na Chiclete com Banana.

.  
**Com toda tecnologia atual, o que mudou no mundo das ilustrações.**

Pergunta difícil, pra mim. Melhor perguntar para um ilustrador. Sou autor de pouca técnica... Pra mim, a tecnologia teve maior importância na agilidade com que passei a fazer e enviar meus trabalhos. Na possibilidade de trabalhar em casa, por exemplo.

**Qual o melhor caminho para cartunistas iniciantes?**

Não sei responder de modo genérico. Prefiro ver o trabalho do iniciante e dar meus palpites. Varia muito, essa é a verdade.

**Quais os próximos projetos do Laerte? O que está por vir?**

Não tenho mais projetos, Fábio. O que está por vir é o que já está vindo...

Beijo!

## **OS ZUMBIS QUE VIERAM DO ESPACO**

Com temáticas brutais/trash, eles são os Zumbis do Espaço. Bati um papo com o baixista, Gargoyle, para conhecer um pouco mais dessa galera.

### **Como foi a idéia do nome Zumbis do Espaço?**

Pra falar a verdade, não me lembro muito bem. Acho que foi idéia do Tor e do Zumbilly e a princípio não gostei muito, mas depois me acostumei.

### **Por que a temática trash?**

Vem da influência dos quadrinhos, filmes de terror e principalmente das bandas que todos ouvíamos, como Black Sabbath, Iron Maiden, Kiss, Cramps e claro Misfits e Danzig.

### **Vocês já tiveram algum problema devido a essa temática?**

Não.

### **A comparação com Misfits é instantânea. Isso é proposital?**

No começo, a ligação era muito forte, porque, entre outras influências que já citei, Misfits era uma banda que estávamos ouvindo muito na época. A fase inicial do Misfits, com o Danzig no vocal, é muito boa, com muitos clássicos. A banda se destacava, pois dentro de um cenário punk da época (77 – 83, mais ou menos), ela não era exatamente punk. O vocal era diferenciado, as melodias excelentes, apesar do instrumental limitado e até desafinado em algumas gravações. Sem contar que a atitude da banda era incomparável, com as letras, o visual e a postura nos shows. Então eram diferentes de tudo que estava sendo feito e quando começamos a banda foi sim uma influência fundamental. Depois fomos criando a personalidade da nossa banda através dos discos e acredito que do Abominável em diante, a ligação ficou bem pequena, apesar do meu respeito continuar o mesmo.

### **Como você definiria seu público?**

É um público leal. Muitas pessoas acompanham a gente ao longo dos anos, alguns de perto, outros mais à distância. É também honesto, pois muitos falam abertamente sobre o que gostam e o que não gostam e isso é legal da gente saber, mas não influencia de modo algum a direção musical da banda. Nosso público é ainda, totalmente livre de rótulos, pois desde o começo temos fãs que gostam mais de punk rock, outros de metal, outros de rock clássico, outros de country, outros apenas de boa música independente de rótulos. Acredito que quem gosta de rock básico e honesto... Quem gosta de AC/DC, Motorhead, Ramones, provavelmente gosta ou gostaria de Zumbis (se ainda não conhece a banda).

### **Melhor banda da atualidade?**

AC/DC. Melhor banda que já acabou: Thin Lizzy.

### **Se o mundo fosse invadido por seres alienígenas hoje, o que você pensaria de imediato?**

Vamos meter bala nos safados!!! Hehehe... Falando sério, dependeria da intenção dos visitantes.

**Deus existe? E o diabo?**

Tenho certeza de que Deus existe. O diabo não existe, é apenas uma representação do mal, que o próprio homem faz.

**O que você nunca esqueceu?**

De que a música só vale a pena se estivermos nos divertindo.

**Uma coisa que você nunca faria?**

Me arrepender de tocar nesta banda.

**E sobre a perda de El Phantasma? Qual a principal herança deixada por este companheiro?**

Eu era amigo pessoal do Balbo muito antes dele entrar na banda. Quando ele entrou no meu lugar, continuamos muito amigos, inclusive tocando juntos em outra banda, ele baixo e eu guitarra. A perda foi terrível e ele deixou a herança de ser um amigo leal, pra toda a vida. O irmão dele é meu amigo e aprendeu a tocar baixo depois de sua morte. Até hoje tem seu baixo. Aliás, como curiosidade, gravei o "A Invasão" com esse baixo emprestado.

Valeu!

Abraço!

**Entrevista com Vladimir Seixas**

Um diferencial que sempre encontrei no cinema nacional, em relação ao cinema do resto do mundo (principalmente em relação ao americano), é que o espectador pode se identificar de imediato com os personagens apresentados. Não é necessário vir de outro planeta, ou ter superpoderes para ser um grande herói, ou, pelo menos, ter uma história interessante para contar. E isso Vladimir Seixas faz como ninguém. Capta no cotidiano, a força que só a realidade de um povo surrupiado em seus direitos mais básicos pode ter. O cotidiano de um povo oprimido pela ditadura do capital. Realmente, tenho muito prazer em trazer até vocês essa grande figura.

**Vamos começar pelo assunto que me apresentou a você: Hiato. Fale sobre esse filme.**

Hiato foi o primeiro curta que me aventurei a fazer. Ele foi feito quando cursava o 2º semestre da Escola de cinema Darcy Ribeiro. É um pequeno documentário sobre o inusitado protesto realizado pelos Sem-teto, pelos Sem-terra e por moradores de favelas no Shopping Rio Sul do Rio de Janeiro no ano de 2000. Na época eu vi tudo pela televisão e chamou muito minha atenção. Depois, já na faculdade de Filosofia, conheci algumas pessoas que participaram desse protesto e assisti algumas palestras de professores que problematizavam o ato, então resolvi fazer desse protesto o tema do curta-documentário proposto pela escola de cinema. Procurei a Helen Ferreira, que tinha registrado em VHS a ida ao Shopping e algumas pessoas que tinham gravado das Tvs. Fui com Helen entrevistar manifestantes que estiveram no Shopping e alguns professores que sempre lembravam a ida ao Shopping.

### **A manifestação no shopping foi como o esperado? Os resultados foram atingidos?**

A Ida ao Shopping fazia parte de uma semana de manifestações realizada por movimentos sociais pelos 7 anos da chacina de Vigário Geral. Tinha manifestação na Rio Branco, Cinelândia, Candelária, etc. Com carro de Som, panfletagem, discurso, ou seja, os moldes normais de uma manifestação política. Porém, a manifestação do shopping tinha uma proposta diferenciada: “Nós, 400 pessoas pobres, vamos ao Shopping, passearemos por lá, avisaremos a imprensa que vai pronta para cobrir um arrastão e só encontrará 400 pessoas se posicionando contra aquele templo de consumo e, mais profundamente, contra o capitalismo”. E, de fato, ocorreu como o planejado. O mais curioso, é que chegando lá, a polícia, que foi obrigada a deixar os manifestantes entrarem, pois já estavam todos os principais canais de Tv cobrindo, foi obrigada também a mandar os donos de loja abrirem as portas para os manifestantes verem os produtos. Então temos imagens da contradição, pessoas muito pobres contrastando com produtos caríssimos, afirmando que a riqueza de uns poucos são o motivo de “nossa pobreza”, com a classe média espantada ouvindo... Isso tudo sendo transmitido em rede nacional.

### **Se ela tivesse acontecido hoje, a situação seria diferente?**

O pensador já disse que a “História se repete como farsa”, porém devemos lembrar que um shopping como o Rio Sul, gira por dia, muito dinheiro e que um ato desse porte é um tamanco nessa engrenagem. Então penso que a repressão hoje pode ser ainda maior. Lembrando também que dois ônibus sem jornalistas foram impedidos de ir ao Shopping, com vários manifestantes sendo agredidos na Av. Brasil.

### **Por que certas pessoas demonstram ter tanto espanto ao se depararem com a dura realidade vivida por grande parte da população?**

Acho que temos, hoje, uma demarcação territorial muito definida. Já soube de casos de moradores da Rocinha com 15 anos e que nunca foram sequer à praia. Então, apesar de no Rio de Janeiro, algumas favelas escaparem à periferia, não temos um convívio de vizinhança entre as classes, a não ser de na relação de trabalho. Então os shoppings, por exemplo, são feitos para cada classe determinada (alguns chamam de classe A, B, C, D etc). Fora os que são pobres de mais para consumirem. Hoje, por exemplo, o novo shopping Leblon divide muro com a Cruzada, mas certamente não é um ambiente convidativo para os moradores dessa favela. Não precisa existir um segurança para dizer que ali não é para ele, pois ele mesmo já sabe e não vai. A força da manifestação é usar essa própria distinção como força, nossas roupas, nosso pão com mortadela, nosso forma de falar, nossa classe é uma forma de violência quando exposto ao lado de uma vitrine.

### **Como reverter toda essa situação de desigualdade e essa separação entre os universos rico e pobre?**

É preciso pensar o capitalismo. Localizar nas lógicas de mercado os pontos de demência, nos códigos das democracias as máquina de miséria, na aceitação dos direcionamentos dos fluxos as vontades de servidão, enfim, localizar as organizações de poder e as formas de distribuição contemporâneas. Entender o que se passa já em um grande passo. Talvez o primeiro passo para se transpor à resistência de fato. Uma coisa comum aos pensadores e moradores de ocupações sem-teto que entrevistei no meu último filme, “Atrás da Porta”, é que o capitalismo, enquanto modulação, se encaminhou para os genocídios. Ele não suporta mais a quantidade de gente sem trabalho ou função. É preciso arranjar formas de diminuição da população mundial. No

caso do nosso país é a criminalização da pobreza e os assassinatos sistemáticos, os autos de resistências, etc. No âmbito maior são grandes guerras encaminhadas. EUA e Israel x Irã, China x Índia... Pense em uma guerra entre China e Índia, as maiores densidades demográficas do planeta. Contudo, os sem-teto possuem uma pauta de reivindicações sérias que buscam transformar a sociedade e através da luta pela moradia encontraram uma forma de resistência.

### **E seu novo filme?**

O Atrás da Porta é um longa documentário de 92 minutos que trata dos despejos realizados pelo poder público e das ocupações dos sem-teto do Rio de Janeiro. O filme acabou de ficar pronto. Agora começa a fase de enviar para os festivais. Um filme realizado com módicos recursos próprios e que gostei bastante de como ficou. Sei que sou suspeito pra falar, mas quem quiser saber mais tem o site do filme!

<http://filmeatrasdaporta.blogspot.com/>

### **Paula Kalantã**

Em todo o Brasil, comunidades indígenas passam por inúmeras dificuldades. Na entrevista deste mês, estaremos conversando com Paula Kalantã, Tupinambá da Bahia, sobre todo esse conflito.

**Independente da etnia, todos as comunidades indígenas, vêm passando, desde a tomada de seu território pelos europeus, por um processo de perda total de direitos. Por que isso continua acontecendo há tanto tempo e a sociedade, de uma maneira geral, sempre finge que nada está havendo?**

Em minha opinião, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) não cumpre seu papel político de garantir o cumprimento da lei que assegura aos índios o direito ao seu território. A prova é que a falta de demarcações e a invasão de territórios indígenas são os principais pro-blemas enfrentados.

**Ainda hoje existe a visão de que índio só vive na aldeia. Como você vê isso?**

A sociedade tem a visão de que ser indígena significa andar nu, enfeitar-se com plumas e pinturas corporais, ter alma pura e ingênua... O fato de não mais andarmos nus ou adornados com penas não nos torna menos indígenas, como qualquer outra sociedade, nós, povos indígenas, passamos por transformações resultantes de contatos (im-postos ou não) com sociedades diferentes e, portanto, culturas diferentes.

**Na Bahia os Tupinambás estão passando por uma série de problemas. Fale sobre.**

Sem uma solução da União e da Funai, os indígenas, dentre eles os Tupinambás, sofrem com a demora na demarcação de suas terras, que ficam num espaço que envolve os municípios de Una, Buerarema, e Ilhéus (Oli-vença), que propôs, no final do ano retrasado, uma ação pública contra a União e a Funai.

Na época, o Ministério Público federal (MPF) deu prazo de um ano para a delimitação da terra, com futura desapropriação, e com a apresentação, em juízo, de relatórios trimestrais acerca do andamento do trabalho de demarcação. Enquanto a demarcação não acontece, indígenas e fazendeiros vivem em constante tensão. O resultado pode ser visto nas aldeias indígenas, sobrevivendo de forma precária, com problemas de saúde e

sem área para cultivo. Além das ações possessórias impetradas por fazendeiros e acatadas pela justiça, que dão ganho de causa, tendo em vista que a terra ainda não está demarcada.

### **Por que o cacique Babau está isolado des-de sua prisão?**

O cacique Babau lidera a luta do povo Tupinambá pela definição dos limites da aldeia e sofre com a criminalização. Ele responde a processos como “criminoso” por defender o direito do seu território. Para eles, isso se torna uma grande dor de cabeça, sendo Babau uma referência pra outros povos que queiram reivindicar suas terras.

### **E a comparação entre Babau e Lampião?**

Com certeza não se justifica. A invasão e a expulsão violenta dos indígenas de seus territórios foi e ainda é prática corriqueira por aqui, e muitos desses invasores históricos hoje posam como vítimas, combatendo ativamente a demarcação das terras indígenas. Não sei quanto a vida e revolta de Lampião mas acho que ninguém vai permitir que um estranho arme uma rede bem no meio de sua sala e achar a coisa mais natural do mundo. Vai?

### **De onde vem os argumentos contra o cacique?**

Essas pessoas, como já falei, são os grandes fazendeiros e empresários invasores de terras. Antes de todos eles chegarem aqui, nós já existíamos, e tínhamos nossas terras; não pegamos nada de ninguém, ao contrário, eles foram se instalando com falsos documentos e se passando por donos devido a política malvada que doou as nossas terras a eles. Falam que aqui é fácil dizer que é indígena. Isso é a mesma coisa que dizer que eles nasceram aqui. É claro e evidente que eles vão sempre dizer isso.

### **Tem algum movimento ou organização dando apoiando aos Tupinambás?**

Sim, vários. Anaí, Cimi, movimentos estudantis, e alguns políticos do PT que estão discutindo a situação. Se bem que só acredito na gente brigando por nosso povo, o que não vai acontecer a exemplo do que está acontecendo com Babau.

### **O que poderia reverter toda essa situação?**

Demarcação de nossas terras, educação diferenciada dentro das aldeias, pois é um fortalecimento de nosso povo, melhorar a saúde, nossos remédios serem permiti-dos... Não ao desmatamento.

Desejo que o mundo nos respeite e acabe com a discriminação e o preconceito. Desejo que nosso povo possa viver livre, man-tendo sempre a energia positiva dentro da nossa crença e cultura.

## **CULTURA E CONTRA CULTURA**

Rodrigo Morais Leite é um daqueles caras que lutam pela cultura alternativa e independente. Entre outras empreitadas, foi o organizador da Expozine de Teresina, Piauí, que chegou em 2009 a sua segunda edição. Como ocorre uma exposição de fanzines? Vamos tentar entender o processo através um agradável bate papo com esse guerreiro. É claro que, como toda boa conversa, o assunto se desvirtua e passeia por alguns outros. O universo dos fanzines e da contracultura é analisado, dando uma noção

básica do atual panorama aos que ainda não compreendem muito bem certos aspectos. Então apertem os cintos e boa viagem.

### **Por que organizar uma expozine?**

A idéia de organizar a exposição de fanzines surgiu depois de duas conclusões. A primeira era a de que eu já possuía vários fanzines dentro de um baú que fui conseguindo por cartas... fanzines de toda a parte do país. A outra foi a de que deve ser feito algo que concorra com os grandes eventos culturais da cidade, algo fora do eixo, algo tosco. O fim último da exposição é o de divulgação do fanzine como um meio alternativo de informação, de contestação. O sentido está mais para a divulgação do zine em si, muita gente nem sabe o que é um.

### **De onde veio essa identificação com os meios de comunicação independentes e alternativos?**

De certa forma, quando um jovem tende para não seguir padrões e tenta se diferenciar da maioria, não há como não se identificar com os zines. Na juventude, mais que em qualquer outra fase da vida, o indivíduo precisa se afirmar, se caracterizar. Há alguns que seguem a correnteza, o rebanho, e prefere que outros decidam e escolham o que é certo pra eles. Outros, pelo contrario, de inicio repudiam tudo que é norma e padrão. O tempo passa e esse jovem meio que perde muito de sua ousadia, de sua rebeldia, mas mesmo assim algo fica ali. Então, é este segundo indivíduo que tende a produzir um fanzine. Imagine só: você percebe que pode escrever o que quiser, não há regras ou padrões a seguir, não há porque se esconder, se camuflar. Aí você descobre os fanzines. União perfeita entre o útil e o agradável. Você pode furar o peito e deixar jorrar inquietações que estão que em você. O fanzine serve de calmante pra você e ao mesmo tempo de estimulante pra outras pessoas. Fanzine é material que corre pelas beiradas. É como tocar a campainha da casa do patrão e sair correndo. Acho que veio daí que vem a identificação com os fanzines.

### **Qual o papel destes veículos atualmente?**

Acredito que um fanzine possa mudar a vida de uma pessoa. Um mudou a minha. Esse papel já é o bastante, mas além dele há inúmeros outros. Podemos dizer o papel social, o papel de contestação, o papel de divulgação de trabalhos artísticos, dentre outros. A crítica está aí, incrustada nas entrelinhas e entreimagens do fanzine. O fanzine por si só já traz contestação: um “tou nem aí” para os meios de publicação institucionalizados. Este papel de mostrar que há outros lados da verdade é essencial. E acho que em parte os fanzines atualmente vêm demonstrando isto. Enquanto existirem fanzines estes papéis irão existir.

### **O impresso vai acabar?**

Nunca. Impossível. Está diminuindo e irá, talvez, diminuir mais ainda, só que acabar, zerar, não... nunca. Os e-zines chegaram aí, trouxeram comodidade, facilidade, custo praticamente zero mas ainda há gente fazendo fanzine. Acho que se o impresso acabar, o fanzine acaba. Há uma relação íntima entre os dois. Essa é a mesma preocupação de quando a internet surgiu e facilitou a troca de cartas virtuais: a carta vai acabar? Acabou? Não... Ainda está ai. O que houve foi uma diminuição considerável no número de postagens, mas ela continua aí. O impresso não acabará.

### **A contracultura é cultura?**

Entendendo por cultura tudo que o homem fabrica, contracultura é, sim, cultura. Sempre irá existir quem conteste a norma, mesmo com a esquerda no poder. Contracultura é uma condição, uma postura. Algo só é contracultural enquanto está ali, no canto dos desfavorecidos. O poder nunca poderá ser contracultural, mesmo com esquerdistas, ou seja, indivíduos que já foram do contra, lá. Acredito que o fanzine, sim, é uma autêntica manifestação contracultural. O editor pode deixar de ser do contra, o fanzine não, nunca. Digo isto no sentido de ser uma mídia contrária à institucionalizada. Nesta afirmação não levo em conta o conteúdo.

### **Voltando e revoltando na situação da organização de uma expozine, observei que alguns materiais tinham uma fitinha colorida, muito parecida com as usadas em bibliotecas. Se eu não me engano, a do O Berro era azul. O que é e como se dá este aspecto da organização?**

O lance das fitinhas é o seguinte: eu recebo vários zines dos mais diferentes estados. Quando vai acontecer a exposição, se arruma o que der em dinheiro pra tirar cópias de alguns zines. É mais seguro, podem acontecer furtos ou desastres naturais acabando com os zines... (risos). Os zines que tem a fitinha são os que coloquei sem tirar cópias, os originais que recebi. Neles presto mais atenção, só tenho aquela cópia ali, se perder, adeus. É isso. A escolha dos zines é aleatória, mas ando querendo usar só fanzines que ainda estão sendo produzidos ou que sejam recentes, de 2000 pra cá.

### **Qual tipo de retorno um evento como este pode apresentar para seus organizadores?**

O maior retorno é espiritual. Esquecendo a visão cristã de espiritualidade, claro. Digo no sentido da satisfação não ser no campo físico, material, e sim na sensação que se sente depois de um evento terminado. Algo como dever cumprido. É a mesma sensação quando se termina um fanzine, tira as cópias e sai distribuindo. Só entende isto que fez um, inexplicável. Mas há também os frutos. Sempre surge alguém interessado em ajudar na próxima exposição ou alguém perguntando como conseguir algum zine. Sempre que tenho cópias sobrando, distribuo, passo contatos. Acho que estas são as maiores conquistas, a integração com o público e o surgimento de uma mentalidade que já coloca o fanzine em evidência: “Ah... Fanzine? Sei sim o que é”.

### **Quantas pessoas passaram pela expo?**

Pela primeira edição, passaram por volta de 50 pessoas. O lugar não era de trânsito: beira do Rio Poty. Só foi quem sabia que ia acontecer e quem gostava de fanzines. A segunda aconteceu na UESPI – Universidade Estadual do Piauí – na semana de um encontro de estudantes de História, contando assim com um público maior. Várias pessoas passavam pelo local e paravam para folhearem uma publicação. Local de trânsito de pedestres é sempre melhor pra fazer essas exposições, várias pessoas ficam sabendo o que é um zine.

**Algumas vezes digo para as pessoas que tenho um zine e elas perguntam: “Que merda é essa de zine?” Então explica para essa galera. O que é fanzine?** Aí vai um texto que “publiquei” na primeira edição do fanzine “As pirações do Gullar”, que comecei a editar agora em outubro. Acho que ele responde esta pergunta:

*“Fanzine! Que porra é essa?”*

“Fanatic e magazine (revista do fã) foram os dois nomes que se juntaram para dá origem ao nome fanzine, ou zine.

“O primeiro fanzine do Brasil data de 1965 e foi editado por Edson Rontani, um aficionado em quadrinhos. Seu nome era “Ficção” e contava com uma lista de contatos de pessoas que curtiam quadrinhos no país. O zine era distribuído por cartas e trocado por outras revistas. Dentre os nomes mais conhecidos de leitores estavam Maurício de Souza e Jô Soares. Na época ainda chamavam aquele tipo de publicação de boletim, o nome ‘fanzine’ passou a ser utilizado só na década seguinte, a de 70. “Esquecendo os conceitos e as datas, fanzine é vida! Vida que pulsa sem precisar de ‘porquê’. Não se trata de comprometimento com lucro, com perfeição editorial ou com normas.

“Em ‘Fanzine de Papel’, Marcio Sno, um fanzineiro brasileiro ‘das antigas’, fala de um tal sentimento que movia os editores de fanzines do século passado. Seu livreto é um tratado sobre os fanzines e pode ser utilizado como fonte de pesquisa para qualquer esclarecimento. Este tal sentimento apresentado pelo editor tem muito a ver com a edição, com o feitiço do fanzine.

“No século passado, o comprometimento do editor com todas as etapas de produção do fanzine era maior. Visto que o contato entre os dois, fanzine e fanzineiro, crescia na proporção que crescia o trabalho que se dava para colocar a publicação nas ruas. “Com a popularização dos computadores e dos programas de edição, o “fazer” do fanzine ficou muito frio, maquinário. Há casos de zines que são produzidos e distribuídos virtualmente, são os e-zines. O prazer de receber uma carta com um fanzine dentro esta sendo substituído pelo de receber um e-mail com um e-zine anexado. “Dizer que os e-zines estão diminuindo a relação entre fanzineiro, fanzine e leitor não se trata de um conservadorismo. Há algo que envolve a natureza, ou a essência, do fanzine com uma folha de papel, uma tesoura e um vidro de cola e só entende isto quem ainda faz fanzines assim.”

### **Faça suas considerações finais.**

Então é isto. Acredito que dá para continuarmos fazendo fanzine e resistindo na medida do possível. Tem muito carinho aí metido a entendido dizendo que evoluiu esteticamente e não produz mais fanzines, agora são revistas. Nada a ver. Há muita coisa pra ser feita e muitos pré conceitos pra serem quebrados. Fazer um zine é apaixonante. Quem faz um não para mais, vide o fanzine O Berro que já está pra mais de dez edições. Não é fácil, mas temos que continuar! Aliás, quem faz zine não é por obrigação.

### **RUBEM ZACHIS COSPE PARA O ALTO SEM MEDO DE VER ONDE CAI**

Esse cara é um marco da minha geração e tenho a felicidade de ser seu amigo desde a época de moleque. De ter acompanhado todas as fazes de seu trabalho. Ainda lembro quando li algumas poesias para ele na mesa do Bar Sorriso e ele me pediu para escutar uma música. Aí, mandou um hino. Salvem as Baleias era o nome. Pedi na mesma hora: “Canta várias vezes seguidas. Não para.” Quem ouviu a fitinha voz e violão (Além do Sol) que, entre muitos outros, tem esse clássico, não esquece. É uma melhor que a outra. E o show do Gore no Som Brasil, em São Gonçalo? NNNNNNNNNNOOOOOOOOOSSSSSAAAAA... Velocidade e brutalidade. E quando me apresentou o cd do December? E quando me mostrou pela primeira vez o som do Cativoeiro? Foram tantas coisas que ficaria difícil relatar tudo aqui. Mas, quem acompanha o som que vem do underground já ouviu falar de Rubem

Zachis. Depois de mandar duas entrevistas, que ele simplesmente perdeu, fizemos na base do é agora. Como tudo que acontece fora do programa, essa está entre as melhores.

**Vai sair tudo da minha cabeça agora. Um... Dois... Três... E... Defina o Cativoiro**

Cativoiro é a banda que foi formada por ex-membros do Gore diante da impossibilidade de continuar usando o antigo nome. É minha versão da evolução do Gore.

**E Rubem Zachis? Que diabo é esse ser?**

Em primeiro lugar, um cara que tem dificuldade de encontrar, entre os tragos, tempo pra fazer qualquer outra coisa...

**Hahahahaha... Ta ficando bom heim....**

Vumbora!

**Do início de sua carreira até hoje, muitas fases se passaram. Pude acompanhar praticamente todas. O que você destacaria como o elemento fundamental que se manteve em todas elas? O que persistiu?**

Considero que os elementos e a estrutura harmônica dos meus trabalhos continuam os mesmos desde o início. Meu estilo de compor pouco mudou. A meu ver, as pequenas evoluções não foram exatamente mudanças. E as pequenas mudanças, por sua vez, também não foram exatamente evoluções...

**E sobre sua passagem pelo México? Você chegou a produzir algum material que se perdeu em mais essa louca aventura. Comente sobre esta viagem.**

É cara... Pelo menos o cover do Anarchus que eu gravei por lá com os caras do Anarchus saiu no tributo deles (que por sinal eu não recebi nenhuma cópia), mas dos dois shows que fiz lá, apenas o de voz e violão foi gravado... E depois me roubaram...

**Somos de uma geração bem diferente da atual. O que você sente quando vê essa garotada de agora?**

Vomito

**Hahahahahahaha... yeah... Como foi o ano de 2009 para você e para o cativoiro e o que está por vir em 2010?**

Ano, tempo, dia, vida, existência, existir... Tudo isso, pra mim, é sinônimo de merda e só faz sentir ódio e desgosto... Com certeza muita merda vai rolar em 2010...  
Consternação

**Agora vou te dar uns temas e você fala sobre**

Ta

**Humanos**

Mortos

**Vida**

Nada

**Civilização**

Câncer, né?

**Família**

Putz... Pegou pesado. Soco no estômago.

## **Religião**

Diarréia mole

## **E para fechar, o bom e velho rock'nroll**

A verdade!

**Ficou diferente de todas que preparei com antecedência e te mandei, mas acho que ficou a melhor.**

Ficou mais espontânea, né cara..

**Nem vou revisar. Vou pegar e tacar lá. Nada de regras ou normas.**

Para contatos e informações sobre Rubem Zachis:

<http://www.myspace.com/rubemzachis>

## **Andréia Dacal**

Mulher, cantora, poetisa, skatista, geógrafa, jornalista cultural, Andréia Dacal, há muito vem extrapolando as fronteiras de sua cidade natal, Niterói, e corajosamente vem abraçando o mundo com seu trabalho original e visceral. Versando sobre a condição humana com a sensibilidade e garra feminina, canta com sensibilidade e alma mensagens críticas e reflexivas que fazem balançar não só o corpo, mas também as idéias. Inspirada por muitos elementos da escola jamaicana como dub poetry, roots, ragga, dancehall e niyabinghi, somada a sua pesquisa e intimidade com a música popular e regional brasileira, além de outras linguagens da música como o rap e o eletrônico, Andréia Dacal traz sempre boas novas a cena contemporânea do reggae brasileiro e mundial, através de suas constantes parcerias em álbuns internacionais do forte movimento Dub vanguardista europeu.

Sem pretensão, com um trabalho perseverante, amor pela música e respeito pela cultura e universo em torno do Reggae, a cantora segue sua trajetória com positivas contribuições na cena.

### **Como ocorreu o contato com o reggae?**

Sempre fui sensível e interessada em música. Na adolescência já pesquisava, conversava e trocava muita informação e som com os colegas de escola. Procurava ouvir tudo que despertava e aguçava minha curiosidade. Música e manifestações artísticas de conteúdo revolucionário sempre me despertaram um interesse maior. O conjunto de música, letra e atitude me conquistou. Tive acesso ao reggae de forma mais profunda aos 14 anos, conhecendo a obra de Bob Marley . Mergulhei com interesse e profunda identificação com o ritmo, proposta e mensagens. Acompanhei e dediquei maior atenção a esta cultura musical. Foi um divisor de águas. A identificação com o universo mítico, filosófico e cultural foi fulminante.

### **Como esse ritmo chegou ao Brasil?**

Na década de 1970, músicos brasileiros são influenciados pelo reggae. Experiências foram tentadas por Jards Macalé, Luís Melo-dia e outros, mas Gilberto Gil levou a risca

a influência, realizando um projeto que vendeu mais de 500 mil cópias. O compacto “Não Chores Mais”, versão em português de “No Woman, No Cry”, de Bob Marley. Aí o reggae se espalha pelos festivais de música no Pará, Maranhão e Bahia, caindo na graça dos moradores dessas regiões. Simultaneamente, em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo ganha espaço em bailes na periferia.

Em 1980, Bob Marley vem ao Brasil e promete voltar com o grupo Inner Circle para uma turnê pela América Latina. Na mesma época, Peter Tosh se apresenta com grande sucesso no Festival de Jazz de São Paulo. O reggae começa a despontar no país quando Bob Marley faz a passagem, vítima do câncer, aos 36 anos, no dia 11 de maio de 1981. No entanto, ao contrário do que se especulou, o reggae e toda manifestação cultural em torno dele não morreu com seu precursor e influenciou novas criações e fusões musicais pelo mundo.

Os anos 80, no Brasil, foram marcados por inúmeros sucessos de artistas e bandas que tiveram no reggae sua maior inspiração e expressaram, muitas vezes, sentimentos, questões e opiniões que o reggae já vinha trabalhando de forma visceral desde sua origem, sob o ritmo das batidas sincopadas. Temas como injustiça social, críticas ao materialismo, violência urbana, racismo, todas estas questões sempre foram muito bem exploradas pelo reggae Jamaicano. Nomes como Cidade Negra, Paralamas do Sucesso, Tribo de Jah, contribuíram para firmar a identificação com essa música e manifestação cultural junto ao público brasileiro.

Acredito que toda essa aceitação e identificação se deva ao fato do Brasil e a Jamaica terem muitas afinidades. Por exemplo, a formação de nosso povo que também tem grande influência da cultura Africana. O reggae entoado sob a figura de um negro do terceiro mundo aclamado nos 4 cantos do planeta, elevou a voz e o sentimento de milhões de pessoas. O reggae se tornou um hino, uma música que representa luta, resistência e a conquista de espaço junto a comunidade branca, conservadora e capitalista, para a livre manifestação contra toda e qualquer forma de opressão. Um bastão que de forma suave e natural desbravou o sistema e alcançou sua representatividade junto a ele. Acredito que essa força conquistada pelo povo negro da Jamaica, difundida para as demais comunidades do mundo, sob a forma deste manifesto pacífico, musical, artístico e corporal, através da dança, se tornou um veículo a prova do tempo e seguirá conquistando e servindo de bandeira e símbolo para muitos países seguirem se expressando.

### **O reggae vai além do ritmo? Fale um pouco sobre esse movimento mais sólido.**

Para muitos é apenas um ritmo, um segmento musical. Para outros, como eu, é mais que isso, porque estes buscam sua origem, história e com isso mais uma fonte de referência, aprendizado e até mesmo orientação. Tudo vai depender da afinidade e comprometimento do ouvinte. Se ele quiser ficar só no embalo da música, deleitar o espírito e se entreter, é isso que vai conseguir. Se quiser se aprofundar na mensagem, na cultura, na história, na fé, vai se deparar com um universo amplo e surpreendente, que pode abrir muitos leques de conhecimentos e reflexão. Cada um busca e encontra o que procura. E é esse o principal movimento, em minha opinião. O que parte do EU, das escolhas individuais, que depois acaba resultando em movimentos coletivos de indivíduos que pensam e se identificam, buscando objetivos de vida em comum. Mas o principal movimento, na minha opinião, e mais sólido também, é a revolução pessoal que pode ocorrer a partir da identificação e compromisso de cada um em perceber o

mundo sob uma nova ótica. A ótica do amor universal e da moral fraterna, ampliando seu raio de ação ao redor.

**Existe uma vertente que é engajada na luta social. Como um movimento de harmonia e boas vibrações luta com um sistema desigual e predatório?**

A história prova que a palavra, firmeza de caráter e comprometimento promovem grandes mudanças sociais e conjunturais. A idéia de que para transformar uma realidade injusta e miserável de esperança tem que vir através da força, da violência ou da imposição é coisa do sistema, do Estado. O povo em si, nunca optou pela guerra. É levado a conviver com o jogo de interesses de esferas invisíveis que pregam responder por todos, mas só respondem por eles mesmos. A musica reggae, através da mensagem Rastafari, prega amor, união, transformação de dentro para fora dos indivíduos, aponta para a autonomia, a liberdade e a tolerância... Por isso é forte e atemporal. Não existe revolução real que não ocorra naturalmente, sem imposições. Acredito na arte como a mais forte ferramenta de transformação e conquista de uma sociedade mais justa e humana. Bob Marley tem uma frase que se aplica bem a pergunta: “O reggae quando bate, você nunca sente dor”.

**Há pouco tempo uma comunidade rastafari tradicional da Bahia foi fortemente reprimida pela polícia. Qual sua opinião sobre o assunto?**

A polícia é um aparelho de controle a serviço do Estado, que tem hoje, os mesmos interesses de ontem: manter o poder, a sua perspectiva do que é a “ordem” e os modelos de “bem viver” que interessem ao sistema financeiro. O Estado nunca viu o Rastafari com bons olhos, porque a visão Rastafari é crítica à sua forma de gestão e dominação. O Rastafari busca e incentiva a autonomia através de uma série de desapegos as matrizes culturais de consumo que o Estado incentiva. Por ser uma visão e orientação definitivamente libertária, não existe imposição no caminho Rastafari, pois ele é uma escolha. Diferentemente das regras do sistema, que nos amarra nesta grande rede desde que nascemos, quando somos registrados e identificados. Tudo que aprendemos até começarmos a construir certa individualidade nos pensamentos nos é transmitido através de valores passados, pela escola, família, círculo social, etc.

Acredito que o Estado se torna frágil, necessitando se impor através da ordem e leis tendenciosas que não atendem aos interesses de todas as camadas da sociedade. Essa imposição, hoje mascarada pelo ideal de democracia, utiliza a força quando necessária, segundo sua perspectiva de manter a estabilidade deste sistema. É onde mora a injustiça e muitas vezes o abuso de poder do homem sobre o homem com o aval da lei. Isso é um grave obstáculo para a evolução social e humana.

Repudio toda forma de exploração e abuso de um homem sobre outro, repudio o Estado que intervém com violência e repudio os policiais, que a despeito de sua necessidade profissional, acatam ordens que vão contra a constituição. Repudio igualmente a mídia que usa histórias como estas para aumentar a audiência em cima da exploração sensacionalista de notícias transmitidas sem respeito a verdade.

**Voltando ao lado mais musical: Como está o espaço para o reggae?**

Sua constante superação, recriação, fusão com outros ritmos, faz com que o cenário esteja sempre fresco, ao mesmo tempo em que não perde sua história e tradição. O espaço existe, mas ainda há muito que fazer: Resgatar sua importância cultural, focar aspectos da cultura musical jamaicana ainda pouco conhecidos ou divulgados.

Conquistar a atenção e respeito junto as produções e realizações, para garantir uma estrutura mais organizada que atendam ao circuito .

**A Ocupação Mama África foi o motivo de nosso primeiro contato. Com muita luta essa galera vem conseguindo conquistar seu direito a moradia. As últimas notícias foram animadoras.**

Resumo minha opinião, citando um jargão muito divulgado pela Fist (Frente Internacionalista dos Sem Teto), que acredito que exprima muito bem a questão: “Se morar é um direito, ocupar é um dever”.

A questão fundiária no Brasil, seja agrária ou urbana, é uma mazela histórica que o Estado continua negligenciando. Se o Estado lava suas mãos, cabe a nós, cidadãos, chamarmos atenção e lutarmos com dignidade e justiça para conquistar este direito quando ele nos é devido. A Mama África esta fazendo isso, se colocando de forma ativa e positiva diante deste impasse e está sendo vitoriosa. Que sirva de exemplo para muitos casos similares no Brasil. Estamos juntas, porque ainda há muito a se fazer e me sinto orgulhosa por poder estar somando nesta frente de resistência como colaboradora espontânea na luta contra mais esta forma de opressão. Sou fã das guerreiras e crianças da Ocupação Mama África. Para mim é uma grande inspiração poder somar na conquista do direito, não só de moradia, mas no reconhecimento da identidade e força desta comunidade.

**Para fechar:**

Minha mensagem é que cada um busque mais de si, para que assim possa oferecer mais e o melhor para o mundo. Todos somos parte do processo de evolução para uma realidade mais justa e feliz para todos.

Aproveito também para deixar uma importante reflexão de sua Majestade Imperial Haille Selassie , referência principal dentro da visão e pensamento Rastafari , que sintetiza com muita sabedoria os grandes desafios de nossa civilização e humanidade.

”Através da história, tem sido a inatividade daqueles que poderiam ter agido; a indiferença daqueles que deveriam saber melhor; o silêncio da voz da justiça quando ela mais importava; que tem tornado possível ao mal triunfar.” Haille Selassie

Máximo respeito a todos, bênçãos de luz

Jah Guiando

# **ENTREVISTA INVERSA**

Resolvi apresentar uma experiência. Quando gosto de um texto, tenho o costume de ficar criando perguntas para as respostas apresentadas nele. Foi assim com esse. O companheiro Murilo enviou esse texto e comecei logo a fazer uma Entrevista Inversa. Não é como as entrevistas anteriores, quando a coisa está viva e eu chego sem saber o que perguntar e as questões vão brotando do nada, mas é um ótimo exercício.

“Eu sou completamente contra as drogas, por isso eu não assisto nem ao SBT, Globo ou Record”  
Marcelo Nova

**2010**

### **Experiência**

Por: Murilo Pereira Dias

Adaptação: Fabio da Silva Barbosa

#### **Quais os principais problemas enfrentados pelos ciclistas?**

Numa apreciação política para os leigos poderem entender e mais especificamente para os políticos, um reduzido número de praticantes de esportes de praças públicas e das possibilidades em que encontramos na cidade de Niterói, encontram-se numa posição desfavorável na fila da vez. Um exemplo simples ao sairmos nas ruas de Niterói é uma lamentável falta de ciclovias e um absurdo no desrespeito aos ciclistas. Não comparamos a cidade de Niterói com alguma outra, pois o interesse é aqui, a realidade é aqui e não especulamos a legislação, pois quem as desconhece mesmo tendo acesso, não faz parte neste momento da discussão.

#### **Como resolver esse problema?**

O que se busca é somente apelar ou solicitar melhorias nas condições urbanas da nossa cidade, visto o abandono e o descaso com a população em geral, sem discriminação, até ao contrário, uma ótima oportunidade de integração social, pois onde poderia estar sendo aplicadas atividades educativas, físicas, afetivas e sociais para diversas idades, as praças não oferecem nada além de espaços até bem cuidados, porém desertos.

#### **Qual o melhor caminho para isso?**

O que se pretende não é por meio de um texto solicitar reivindicações, apresentar projetos mirabolantes de efeito maquiador, pois estes já existem e já foram discutidos, o que se espera é que algum desses projetos estejam sendo colocado em prática o mais breve possível, abrindo ofertas de emprego e melhorias em localidades imobiliárias valorizadas, porém sem estrutura administrativa, visto a demanda populacional em Niterói, que empurra mais os menos favorecidos para impossibilidades. Sementes sem perspectivas que elevam casos de doenças precoces e crescimento da marginalidade. Não me referindo à esferas de classes economicamente sociais e sim daqueles que buscam os espaços públicos como opção de praticar seus esportes, atletas de rua, atletas de espírito.

# Trampos

Meus primeiros trabalhos foram no projeto que criei com Luiz Henrique Peixoto caldas, grande parceiro. Naquela época classificávamos nosso jornalismo como Jornalismo antropológico social (Assim mesmo. Tudo junto. Era uma palavra só.) e nossa técnica se chamava a arte do improviso. Depois... Bem, vocês vão ver.

“Quando a Imprensa for livre e quando todos os homens souberem ler, tudo será seguro.”

Thomas Jefferson

"Se meus filmes não dão lucro, sei que estou fazendo a coisa certa."

Woody Allen

2008

### Ele é o Animal

Irreverente e cativante, o artesão Andres Alfonso Salgado Cervante, conhecido como Animal, já virou ícone da cidade de Cabo Frio. O Chileno de 50 anos, está há 23 na cidade, e passa os dias a vender brincos e pulseiras. Normalmente circula pela Praia do Forte e redondezas. Mesmo não tendo acesso a internet, conta, orgulhoso, que existem várias comunidades e vídeos registrando seus momentos. Quando tomado por inspiração, declama belas poesias e conta passagens interessantes de sua vida. Sem dúvida, uma belíssima figura, com um grande coração e espírito livre.

*" Minha casa é de semente de pedra, mas cruzando a rua de asfalto chego ao meu quintal.*

*Onde plantei muita semente. Mas, por causa da maresia e areia salgada, as sementes não cresceram. Mas na época em que somos visitados, nosso quintal floresce com bela flor que ilumina meu quintal. Teremos os pinhos, que tem nas flores nosso paraíso total.*  
*Para                    ir                    no                    forte                    paraíso                    total."*

*"Cheguei aqui de carro, com amigos. Um dia eles foram embora."*

*"ANIMAAAAAALLLLLLLLLL"*

2009

### Esgoto a céu aberto causa transtornos em várias comunidades

Um problema sempre observado nas comunidades dos mais diversos municípios, é o saneamento básico. De acordo com a Lei Nº 11.445, de 5 de Janeiro de 2007, que estabelece as diretrizes nacionais para o saneamento básico, todos deveriam ter acesso ao "abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo dos resíduos sólidos realizados de forma adequada à saúde pública e à proteção do meio ambiente". Mas por que isso não acontece na prática? De acordo com companhias e órgãos responsáveis por fazer cumprir tal lei, o crescimento descontrolado das comunidades dificulta o trabalho de saneamento e abastecimento de água. Mas existem comunidades muito antigas aonde o serviço nunca chegou, como é o caso da comunidade Sítio da Aldeia, no Parque da Cidade, em Niterói. De acordo com o ex-presidente da Associação de Moradores do Sítio da Aldeia, Eduardo Moreira de Souza, as autoridades argumentam que não podem fazer infraestrutura em uma área de preservação. "Eles dizem que se começar a colocar esgoto e luz isso aqui vai crescer, só que não é interesse nosso que cresça. Somos uma família que habita aqui há muitos anos." Conta Eduardo.

No Morro Boa Vista, onde alguns moradores dizem fazer parte do bairro Fonseca e outros do bairro São Lourenço, também em Niterói, existem pontos críticos, onde habitantes e animais convivem em contato direto com o esgoto. Situação bem parecida no morro do Beltrão, em outro bairro de Niterói (Santa Rosa). Lá, várias moradias têm o esgoto passando em suas portas. O contato é inevitável.

Uma vizinha do Beltrão, a comunidade do Viradouro, está em situação bem melhor no que diz respeito ao esgoto, mas mesmo assim, um valão corta toda a comunidade, estando exposto em muitas partes, proliferando ratos e insetos. Voltando ao bairro do Fonseca, podemos citar o Eucalipto como exemplo de abandono. Lá o esgoto escorre pelos caminhos sem calçamento e entre o mato alto. Na Vila Ipiranga o problema está sendo sanado pelo PAC - Programa de Aceleração do Crescimento, do Governo Federal, mas alguns moradores desconfiam que regiões ficarão de fora e preferem esperar as obras acabarem para comentar o assunto. Fica pouco o espaço para tantas comunidades com o problema, mas todas esperam que necessidades tão básicas sejam atendidas o quanto antes.

### **Resenha do novo disco do Cativeiro**

Estava como em um daqueles clubes de jazz dos anos 50 e 60 (não lembro agora o ano) ouvindo em primeira mão o novo disco do Cativeiro. O som está hipnótico e ao mesmo tempo parecia que estava sendo atropelado por um trem. Uma vivência única. Fiquei completamente envolvido. Ungido pelo som. A banda continua mantendo a tradição de vomitar o mais puro e brutal grind. Coisa de louco. Só ouvindo para entender.

E o melhor de tudo: Ouvi isso hoje, na véspera da banda fazer a apresentação em São Paulo, de onde irá sair seu primeiro registro em DVD. Na sala desse grande amigo e criador da banda, enquanto seus animais de estimação brincavam pela casa, Ruben Zachis me contava os detalhes do novo trabalho. O furioso Zachis disse que irá tocar grind de primeira com apenas um braço. Um desafio para o baterista mais rápido da atualidade? “Eu fiz isso hoje no ensaio e ficou ótimo. E o mais foda é que não vou fazer isso porque quero, mas porque minha tendinite está fodida.” Conta Rubem satisfeito com a experiência. Tudo que eu queria era ter grana para embarcar com essa galera amanhã para Sampa e assistir isso de perto. A apresentação fará parte do festival More Gore Than Before, que já está em sua 4<sup>o</sup> edição. Para quem quiser estar presente nessa fuzarca o endereço é Clube de Campo da Várzea Paulista, na Rua Arnold Gut Jr, n<sup>o</sup> 527, Bairro do Nursa, SP. Quem for poderá se deliciar com esse novo trabalho. Com certeza vai se acabar de tanto agitar.

<http://www.myspace.com/cativeiro>

### **A história de Pepe**

Júlio Alejandro, 50, conhecido como Pepe, nasceu em Lima, no Peru, mas foi em Cusco, trabalhando como guia turístico, onde conheceu a arte que mudou sua vida. “Morava na pensão de um povoado chamado Águas Calientes, em baixo de Machu Picchu. Descobri um caminho para as ruínas. Comecei a marcar 5:00h da manhã, para fazer o caminho Inca. Na cidade, sempre vi pessoas vendendo coisas e percebi que era possível conhecer outros lugares através do artesanato. Isso era no início dos anos 80. Antes de guia, trabalhei como cozinheiro sem nunca ter sido. Estava no restaurante na hora que precisaram de alguém para trabalhar. Me ofereci para o cargo, mas não gostei. Era muita exploração.”

Pepe começou a fazer pulseiras de linha, o que aprendeu com um uruguaio que viajava com a filha. “Dava para sobreviver”. Durante esse tempo transitou entre Cusco e Lima e conheceu a brasileira que seria sua esposa. Ficaram no Peru, depois resolveram vir para o Brasil. “Ela aprendeu a fazer as pulseirinhas e juntamos dinheiro para o passaporte, que era caro. Tirado o passaporte em Lima, fomos a Cusco e de lá para a Bolívia. Ficamos em La paz, Cochabamba, Santa Cruz da Serra... Sempre trabalhando com as pulseirinhas”. Dormiam durante as viagens de caminhão e ônibus, e “quando sobrava um trocadinho”, alugavam um quarto, aproveitando para tomar banho e lavar roupas. “Pegamos o Trem da Morte”. Foram 20 horas de Santa Cruz até Porto Quijarro, com apenas uma parada. Dormiam no chão. “Não tinha banco suficiente para sentar, imagina deitar. Isso em 85”

Atravessaram a fronteira com o Brasil e pegaram o trem Corumbá-Baurú. “A primeira coisa que aprendi em português foi ‘Tem que descer’. Esperamos o trem sair e subimos. Na viagem o cara veio recolhendo a passagem. Eu fingi que procurava. Falei que fui roubado e ele disse: ‘Tem de descer’. Aí jogaram a gente e nossas coisas do trem. Passamos a noite em Maringá. Trocamos a estadia do hotel por um par de brincos de prata que trazia para a cunhada. Minha esposa ligou para o pai que, emocionado pela possibilidade de rever a filha de quem não tinha notícias há mais de 4 anos, mandou um trocado. Ele ficou muito feliz, porque achava que ela estava morta. Aí viajamos de primeira classe, almoçamos.. Foi maravilha”.

Chegando em São Paulo, foram até a casa da irmã dela e ligaram para o pai, com quem moraram. “Com um mês ela engravidou e as pulseirinhas já não vendiam tão bem. Trabalhei em uma companhia de mudanças e fui garçom de discoteca. Nasceu a criança.” Nisso Pepe conheceu um Peruano na Praça da República que vendia bijuteria e trabalhou com ele. Veio para o Rio e foi para um Sítio em Saquarema. “Chegamos lá e vimos que ele não era dono do sítio. O dono era um alemão. Fiquei dois ou três dias e aluguei uma casa nas proximidades.

Em Saquarema se separou da esposa e da filha que já tinha 2 anos. “Aí comecei a viajar pelo Brasil. Viajava também para o Peru. Até os oito anos minha filha recebeu minhas visitas. Depois morei sete anos na Colômbia. Nessa época já tinha aprendido a trabalhar com arame e lá aprendi a mexer com pedras. Em 2001 voltei a Lima, e conheci uma professora com quem sou casado. Em 2005 voltei ao Brasil para procurar minha filha. Conseguimos nos reencontrar e hoje já tenho uma netinha.” Ao ser perguntado se largaria a vida de artesão ele afirma que não, porque, além de gostar muito do que faz, teria em troca empregos que pagam mal, além de um sistema de horário que desaprova. Outra atividade por qual tem muito apreço é cantar: “Gosto de cantar. Só de onda”

## **Andreas conta sobre sua carreira de jogador de futebol**

Andreas Alfonso Salgado Cervantes, 51, é figura marcante em Cabo Frio. Embora já tendo feito algumas matérias com ele, dessa vez, Andreas relatou um ângulo sobre que ainda não tínhamos conversado. Sua carreira de jogador de futebol. Assim é uma existência rica. Pensamos que sa-bemos tudo sobre, mas... “Quando pequeno, pedi a meu pai que me levasse para fazer a prova do time Universidade Católica do Chile. Tinha até o cartão de um grande jogador que era amigo, mas não quis usar. Preferi passar por minha capacidade. Consegui!” Assim começou o relato de sua saga. E prosseguiu: “Passei por times amadores e profissionais. Inclusive por times comunitários que eram muito legais”.

Um dia seu pai o acordou cedo, mandou que tomasse um café leve e pegasse a chuteira. Foi para o time de Santa Ana onde treinou e participou de vários jogos. “Aí começou a temporada. Ganha-mos!” (Nisso, ele se aprofundou em suas lembranças. Olhou por um tempo para frente e comovido declarou: “Parece que estou lá. Todo mundo na arquibancada...”) “Ganhamos o campeonato, mas me f...” Andreas prejudicou seus rins. “Estava nos chuveiros quando um amigo viu que eu urinava sangue. Tive de parar de jogar. Fui para a Bolívia... Ver minha irmã que ia casar. Nessa época já mexia com artesanato. Sempre fui maluco.”

Na Bolívia continuou jogando. Chegou a treinar em dois times ao mesmo tempo. “Um profissional e outro mais popular. Joguei lá por oito anos. Casei, tive filhos... Voltei para o Chile... Mas estava na época do governo Pinochet. Comecei a querer ir embora. Não me sentia mais a vontade. Não era minha onda”. A família preparou uma festa surpresa de aniversário, onde aproveitou para se despedir. Um amigo chamado Guilherme apareceu dizendo que vinha para o Brasil e tinha um carro (Maverick) para fazer a viagem com outros companheiros. “A festa de aniversário durou três dias. Aniversário e despedida junto”.

Finda a comemoração, encheram a mala do carro com artesanatos e começaram a jornada. “Passamos pelas cordilheiras dos Andes. Cruzamos a fronteira do Chile com Argentina. Conseguimos vender brincos e pulseiras no atacado para lojas”. Após atravessarem a fronteira em Foz do Iguaçu, passaram pelo Rio Grande do Sul e continuaram o caminho até o Rio de Janeiro, onde houve mais um grande divisor de águas na vida do jogador de futebol e artesão Andreas Alfonso. “Der repente foi todo mundo embora. Tinha por volta dos 20 anos nessa época. Fiquei sozinho, sem conhecer o lugar nem saber falar português. Perdi tudo para o Rapa na Sans Penha.

Foi assim que estava nas festas de final de ano. Sozinho e sem dinheiro. Duro mesmo. Sem nada. Nisso, vi um cara vendendo fogos. Deixei minha bolsa com ele para poder levar uma caixa de fogos. Abri a caixa e estourei um. Aí veio uma turma ver e comecei a vender a unidade. Voltei, depois de muito rodar, pois havia perdido o lugar onde ele estava, dei o dinheiro dele e peguei outra caixa. Levantei uma grana com aqueles fogos. Aí, os dias foram passando e comecei a alugar apartamentos para turistas e amigos que chegavam no Brasil. Conseguindo o suficiente para buscar o material que havia perdido para o rapa, fui ao depósito da polícia. Eram peças que havíamos trazido de fora. Material diferenciado. Não queria deixar para lá”. Depois de uma passagem por Rio Bonito, onde trabalhou com um grupo de artesãos chilenos, Andreas veio para Cabo Frio. Se estabeleceu como artesão e se transformou, posteriormente, em ícone da cidade. “Se tivesse dinheiro, traria minha família para cá. Daqui não saio mais. Encontrei o paraíso.”

## **Vida de artista ou artista da vida?**

João Bastos Figueredo, 75, Morador da comunidade Peixe Galo, em Jurujuba, Niterói, é um artista completo. Participa do grupo teatral "Nós do Morro", já atuou em frente às câmeras e tem dois livros escritos, que pretende publicar assim que tiver oportunidade. Dono de uma voz muito agradável adora cantar. Sua identificação com a arte e a cultura é tão notável quanto sua história de vida. "Nasci em um lugar que nem tem no mapa. Grapiapunha. Fica lá para os lados de São Pedro da Aldeia. Na época era roça mesmo. Não tinha a cidade que tem hoje em volta. Nasci em uma casinha de sapê."

Quando sua mãe morreu, o pai distribuiu os filhos entre os parentes. João foi para casa do avô. Morou lá por um tempo, até que apareceu um circo. Ele lembra que era um circo pequeno chamado Circo Pelanca. Ele se encantou pela contorcionista Maria Rosa. "Com oito anos saí pelo mundo atrás dela. Arrumei uma trouxinha com minhas poucas roupas e fui... Procurando... Até hoje não achei Maria Rosa." "Na estrada passei por um cara com um burro que carregava um monte de coisas. Ele me perguntou aonde ia. Disse que não sabia." Continuou João. "Ele me colocou na cesta que o burro carregava. Um jacá. Sabe o que é? Fui para a fazenda que o Roberto Marinho tinha em São Pedro. A babá do filho do Roberto gostava de mim e me adotou. Me levou para a casa dela, em um lugar chamado Eder, no Rio de Janeiro. Me colocou na escola e cuidou de mim, mas o marido dela não gostava da idéia." Com o passar dos anos, o marido da babá a convenceu de devolvê-lo a São Pedro, onde ficou perambulando até conhecer Hernestro, com quem foi morar. "Ficava cortando lenha para os outros, com vontade de ir embora."

Na festa de São Pedro juntou novamente seus panos e pegou estrada. Parou em uma das barracas da festa da cidade. Ficou encostado e o barraqueiro quis saber quem era. Trouxe-o para Neves, São Gonçalo. "Fiquei um bom tempo brincando com as crianças da região, mas achei que estava crescendo e fui atrás de alguma coisa que não sabia o que era."

João sorri e continua seu relato. "Todas as pessoas que encontrei foram importantes na minha vida. Nessa nova busca encontrei uma empregada doméstica. Acho que se chamava Jorgina. Ela me levou a uma quitanda no Barreto. Era de Dona Olinda. Eu já devia estar com mais de treze anos. Depois de um tempo, Dona Olinda perguntou por meus documentos. Eu não tinha. Aí ela me registrou e matriculou no colégio. A filha dela, Zita, me levou para trabalhar em uma loja no Rio, onde ela trabalhava. Zita era como minha irmã. Eu tinha de carregar água subindo em uma escada em cima da loja. Era uma escada horrível. Difícil de subir carregando as latas d'água. Só podia comer quando carregasse tudo. Um dia me aborreci. Despedi de Zita e decidi mudar de vida. Fui caminhar e o tempo me educou."

Ele lembrou dos tempos que vieram e das amizades que fez, sempre agradecendo a todos que cruzaram seu caminho. "Rodei de casa em casa. A história é muito longa. Não vai caber tudo no jornal. Morei na rua vendendo bala. Em uma ocasião entrei em uma casa no largo do Marrão, em Santa Rosa, Niterói, para dormir a noite. Acordei de manhã e dei de cara com um grandão que era o dono da casa. Era um médico chamado Gerson. Ele me deu café e me mandou sumir. Quando estava saindo dei a volta pela casa e vi um porão. Pensei na hora: 'Que sumir que nada. Aqui tá é bom.' Mas nisso passei pela Rua Itaperuna no mesmo bairro e conheci Nádia, que me deixou tomando conta dos Gemeos dela. Com o tempo ficou chato. Os meninos ficavam me gritando: 'Ô babá.' Até na rua. Me lembrei do porão. Naquele porão fiz uma vida. O

dono sabia que eu estava lá, mas fazia que não Não era possível. Lá servi o exército, pratiquei esportes...

Aos 19 anos João conseguiu um emprego público e se casou com uma vizinha chamada Zélia. "Ficava vendo ela do porão." Ficou viuvo dela em 98. Seu interesse por arte o fez conhecer algumas pessoas. "Pedi um dia ao Silvio Mori para dar uma olhada em meus escritos. Ele me convidou para participar da série "Carga Pesada". Então minha mente girou e participei de comerciais, de novelas e de filmes. Em novembro fui convidado para o filme do Jabor. Hoje tenho três filhos e dois netos que amo de paixão."

João aguarda novas oportunidades para continuar trabalhando com artes. Contatos com João: 9597-9025.

### **"Hoje vivo com meus sonhos"**

João Bastos Figueredo

**Fui**

Acredito que de uma forma geral consegui demonstrar ser possível passar informação de qualidade sem utilizar o engessamento da mídia convencional. Espero que este pequeno Web livro tenha sido de bom proveito e torçamos para que as futuras gerações promovam um jornalismo mais ousado e revolucionário, sem se curvar a lógicas jornalísticas ultrapassadas.

“Vamos pedir piedade  
Senhor, piedade  
Pra essa gente careta e covarde”  
Cazuza